

**UM ANO DE
DITADURA**



MARTINS
BARATA

**DISCURSOS E ALOCUÇÕES
DE
SIDONIO PAES**



UM ANO DE DITADURA
DISCURSOS E ALOCUÇÕES DE
SIDONIO PAES

Sidonio Paes



UM ANO DE BATALHA
DISCURSOS E ALBUQUERQUE DE
2.º ANO 1922

COMISSÃO DE BATALHA
FEIÇÃO DE BATALHA
UM ANO DE BATALHA
DE BATALHA

A JOÃO DE CASTRO

CHEFE DE PULSO E PULSO DE

CHEFE

Inclinai por um pouco a magestade

Que n'esse tenro gesto vos comtemplo

.....

.....

..... *vereis um novo exemplo*

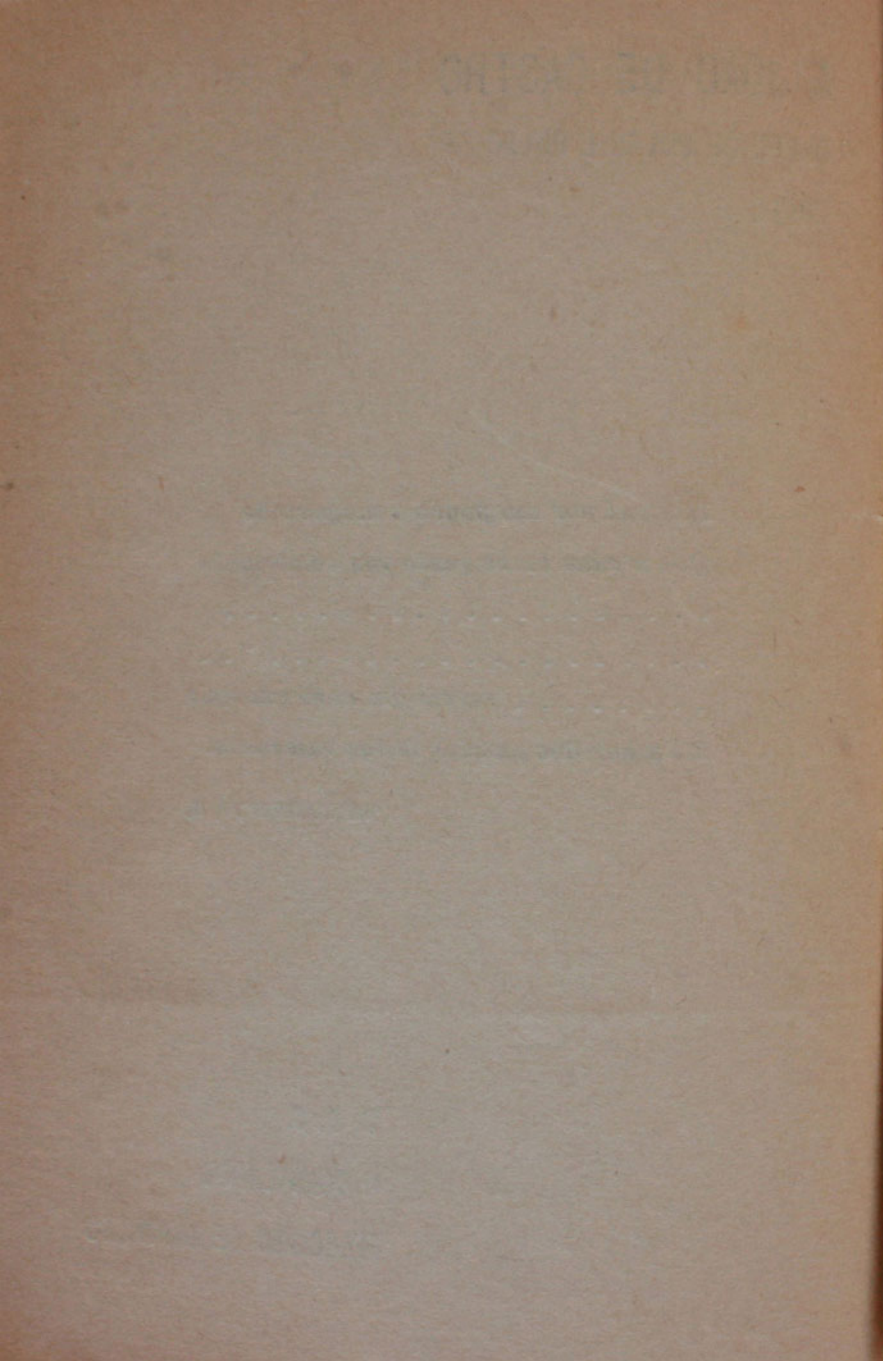
De amor dos patrios feitos valerosos.

"OS LUSIADAS", I, 9.

O. D. C.

O COMPILADOR

FELECIANO DE CARVALHO



SIDONIO PAES E O MESSIANISMO
DITATORIAL

ESTUDO POLITICO DE
JOÃO DE CASTRO

WOODS BROS & CO

STATIONERY

Os últimos rebombos do canhão na manhã do dia de Nossa Senhora, 8 de Dezembro, de 1917, já não anunciavam á cidade imperial o combate mas a sagração do Libertador.

A gloria e o milagre iniciavam esse ano de místico delirio de messianismo e de esperança que o martirio viria tragicamente completar.

Sidonio Paes surgiu como um enviado de Deus, heroi libertador da demagogia anti-nacional, messias do nosso sentimento, esperança da salvação sempre afastada pelos estrangeiros de dentro de fronteiras. E um ano inteiro a sua acção sobre a alma colectiva de Portugal foi crescendo, foi-se afirmando sempre maior, até á suprema consagração da morte desgraçada ás mãos infames de um partido politico.

Era o Arcanjo Libertador. Quando ele ajoelhava deante de Deus nas Igrejas a multidão inteira cahia de bruços a ouvir a conversa de Deus com Portugal por intermedio do seu filho amado. Quando ele passava em revista as tropas o povo via-o aureolado de chamas e de reflexos de espadas, entre o estrondear das bombardas, comandando com um sorriso de mística certeza a Revolução Libertadora.

Era assim na realidade? Merecia-o? Que importa?

É assim que a historia o tem de ver porque foi assim que ele atuou sobre a alma da Raça e sobre o

seu destino. Foi de facto como o Herói, como o Libertador, como o Messias que ele fez uma obra em Portugal. Que importa o seu trabalho, o seu passado de estudo, de intelligencia e de erros tambem? Que importa a obra legislativa e administrativa que fez?

Ha momentos da evolução dos povos em que eles mais necessitam em verdade de um sonho que de uma obra concreta. A base da vida das nacionalidades é como a base da vida dos homens feita de alma e das suas energias. A energia da alma da Nação é a base para todas as organizações e luctas materiais. Não é dizer apenas que uma nação sem alma morre, é dizer que não pode existir como nação. Essa alma da raça é a base de tudo. Aqueles que sobre ela atúam pelas suas obras ou pela sua personalidade são os verdadeiros chefes os verdadeiros reis da nação.

E ha momentos na vida da nação em que só esses homens podem salva-la. Não se fazem construções sociais nem se applicam leis sobre uma nação cuja energia de alma não esteja em plena vida e esplendor. É preciso primeiro renovar a alma como alma, por um entusiasmo, um messianismo, um martirio, por uma acção de alma, emfim.

O erro dos que estudam a vida das sociedades é fazerem-no apenas sob o ponto de vista exterior mesquinho, das realidades visiveis. Sendo a Nação um aglomerado de energias, e a sua soma numa energia propria, a sua historia profunda, a sua historia animica, é mais importante que a historia exterior das consequencias que se tornam aparentes.

Ha na realidade momentos em que no esplendor realisado de uma energia nacional, a unica obra admisivél e louvavel é a das intelligencias praticas, a da applicação das vontades á construção de um arcaboço duravel em que a energia se não perca.

! Mas logicamente ha tambem momentos em que só

a acção directa sobre as almas, a acção mística, é de alguma utilidade para a Nação. Para que desejaríamos nós um bom legislador num paiz sem uma energia consciente, forte e sabedora da sua finalidade? Acaso já alguma vez se viu um legislador ser capaz de salvar, de tornar nação consciente um povo submetido, um povo sem energia colectiva propria?

Aonde é que os legisladores, as inteligencias realistas, os trabalhadores infatigaveis conseguiram fazer obra util que não houvesse anteriormente uma alma nacional acordada para a luta, conglobando as energias individuais e sabendo o fim a atingir?

Porque não compreender pois a superioridade relativa dos valores humanos para a historia de uma nação, conforme o momento em que são chamados a actuar? Ha momentos em que só um criador de sonho, um messias, ás vezes inferior como realisador, pode conseguir o que a Nação exige dos seus homens.

Por termos esquecido isto é que temos um seculo e meio de historia quasi inutil, de descalabro e de ruina. Um paiz cuja alma se apagara e diminuiara, ou melhor se deixara adormecer, não podia ser renovado por acções sociais, por legisladores, por esforços pensados e ponderados de trabalho.

O que conseguiu Monsinho da Silveira? o que conseguiu Fontes Pereira de Melo? Enxertar uma obra material numa nação sem vida propria de nada serve. A nossa historia teve um desvio de um seculo e meio. Andámos errados a luctar contra nós proprios e sem saber como o fazer.

Andámos tão errados que no movimento de renovação ainda tentado com o inicio do Romantismo e do Liberalismo, luctamos pela intelligencia, e pela propria alma contra o Messias capaz de nos salvar pelo movimento que despertou na alma do povo — D. Miguel I. Como se compreende senão por erro nacional profun-

do, que o messias tivesse surgido, não para acordar o povo para uma nova vontade e ser auxiliado por todas as inteligencias renovadoras, mas apenas para resistir ao mal, sofrer e morrer amesquinhado?! Do outro lado estava Garrett, o primeiro que renovou a alma portuguesa adormecida, e cansada. E o primeiro poeta que vibra com a nossa alma lutava contra o Messias, o Arcaño — Miguel.

Veio o mal por ali fora a desenvolver-se. E sempre a intelligencia se poz contra a Nação, contrariando a sua renovação messianica, necessaria como base para o resto da obra a conseguir.

Sem essa base nada se pode realizar de estavel e profundo. O que as intelligencias cultas não viram, adivinhou-o o instinto da raça, o instinto maravilhoso do povo.

Passamos um seculo a suscitar das nossas energias a energia do Criador capaz de nos salvar. Passamos um seculo buscando o Messias. Foi D. Miguel contrariado e vencido, foi D. Pedro V, messias doloroso, vitima do nosso proprio sonho, foi Mousinho de Albuquerque renovador da acção e do combate exterior da Raça, foi por fim Sidonio Pais, libertador e martir, que corôa a renovação de Portugal com o seu sangue derramado.

É um erro da Raça? É, muito ao contrario, um poderoso instinto que nos guia. É um intuitivo esforço para uma verdade que se não comprehende nunca mas se adivinha: a necessidade de alguém, de um messias, para renovar a energia, para a sintetisar, para a tornar consciente de si. E não falo de um fenomeno apenas portuguez mas de um fenomeno de ordem geral, de todos os tempos e de todos os paizes. Joana d'Arc apparecida entre os homens para salvar, apenas pelo seu apparecimento, uma Nação esmagada, abandonada, morta, o que é senão um renovador de alma,

um messias nacional? A acção que desenvolve um destes criadores não se mede nem se avalia por obras directas, mas pelo resultado da acção sobre a alma colectiva, mas pela transformação operada não se sabe bem como nem porquê. Acorda uma Patria do marasmo, impele-a, salva-a e, afinal, com que meios e materiais? Mas pode-se acaso negar a obra de Joana d'Arc? E pode-se por acaso explica-la de outro modo?

O prototipo do messias, do criador de alma, do renovador é D. Sebastião. A uma Nação cansada, gasta, prestes a adormecer, ele vem trazer o renovo da sua alma divina. Foi vencido materialmente, mas isso que indica? A Nação não comportava o unico sonho que depois da obra realisada a podia fazer viver. Devia esperar. Mas a sua indicação de alma ficou de pé. Por isso o Sebastianismo tem uma explicação inteligente, real, para quem estudar a historia profunda de Portugal.

E' sob essa forma que se define para o povo aquella necessidade vital do aparecimento de um renovador de alma, de um messias.

E' sob essa forma tambem que pode ser definida esta força actuante dentro das nacionalidades. Não é messianismo o termo exato, mas sebastianismo, que define esta acção da alma de um homem sobre a alma colectiva de um povo de modo o recria-lo, a renova-lo, a permitir um outro periodo de acção nacional.

Repitamos pois que durante um seculo Portugal esperou num sebastianismo instinctivo, ora apagado, ora fervente, a acção que devia salva-lo. E' porque não trabalhasse no entretanto? As campanhas de Africa e a sua acção colonisadora atestam o contrario. E' porque não podia desenvolver-se quanto as energias adormecidas o mereciam sem aquella acção criadora do sebastianismo.

Nesse espaço de tempo Portugal foi dominado

pelos estrangeiros misturados no seu sangue. A alma portuguesa não domina. Acorda o primeiro messias quando o espirito renovador e messianico enganado por falsas ideologias luctava já contra ele. Morreu em lento e doloroso martírio o segundo messias, o que mais fundo entusiasmou a alma popular. Morreu em tragedia intima de impotencia a terceira sombra de esperança levantada pelo povo.

O que seria de Portugal em tanta desgraça?

Os canhões da Rotunda em 8 de Dezembro de 1917, dia de Nossa Senhora, sagravam o Libertador.

O que era ele e o que queria? Isso não importa. Era o Libertador. Era o homem capaz de congregar numa só energia todas as energias, num só sonho de esperança todas as desventuras. Era alguém que sozinho, desacompanhado, sem preparação nem genio politico, acordou um paiz para a esperança de viver. Era um Messias, um desejado, mas trabalhando como devia contra as falsas ideologias, contra os estrangeiros, contra a indisciplina e a anarquia, contra a horda invasora, contra tudo o que se congregara na demagogia. Era o Desejado, o entusiasmador do povo, mas ao mesmo tempo aquele que pelo seu aparecimento e existencia mostraria o novo caminho. Não era a simples congregação do desejo do povo. Era uma energia de alma actuando sobre a alma colectiva. Era o verdadeiro criador de alma, que vinha cumprir o destino da renovação necessaria.

O verdadeiro messias era ele, ele que renovava a autoridade do mando, da Patria, contra os interesses imediatos, ele Ditador em nome de um sonho nacional contra as formas governativas e estrangeiras.

Acordava a esperança do povo inteiro e acordava a energia natural da Nação, a sua autoridade organica, propria. Aparecia ao sonho mistico do povo como o Libertador da desesperança e do mal. Era na realidade

um criador porque iniciava a marcha da Nação para o seu regimen organico, natural, para a Ditadura Nacional que vem das suas energias profundas.

Eis o que ele foi: o representante dessas energias profundas, aquele que as tornou conscientes no entusiasmo do seu nome, aquele que iniciou a forma de acção que elas terão de seguir.

Isto foi Sidonio Paes. É este fenomeno complexo e tão simples no seu resultado renovador o que se pode chamar Sidonismo. Quem acordou Sidonio Paes para esta lucta de morte que com a morte veio a pagar? Verdadeiro portuguez da pura raça portugêsa inteligente e iluminada, ele foi uma emanação directa da alma colectiva para lhe servir de sintese e incitamento.

Iluminado de sempre? Iluminado no momento sublime da lucta entre o troar dos canhões e os gritos da soldadesca?

Que importa? Era a alma nacional que o queria e era ela que o sagrava naquela madrugada de nevoa, no dia da Padroeira de Portugal.

Sidonio Paes foi assim o animador das energias da raça.

Surge vencedor numa manhã e sem mais nada que a vitória e a energia da sua alma, sem uma obra lenta e estudada, actua sobre a alma de Portugal e é para ele o animador necessario.

Ele representa duas coisas, — esta acção providencial sobre o povo e o primeiro passo já aparente no caminho para a Ditadura Nacional que é toda a evolução politica e social da moderna vida portugueza.

Toda a nossa historia do ultimo seculo se pode resumir nesta evolução para a Ditadura Nacional, isto é para a criação de uma autoridade organica, de um regimen vindo do fundo da Nação. Este fenomeno de criação de uma autoridade propria e nacional é o que representa exteriormente o acordar das energias de um povo e as suas tentativas de criação exterior de organisação de valores. Sempre que um povo acorda as suas energias para a luta começa por tentar organisa-las da maneira organica, natural, que elas implicam, livremente de doutrinas e sentimentos. É este fenomeno que representa a marcha para a Ditadura Nacional, hoje em Portugal, como em qualquer outra parte e sempre. Porque na verdade esse é o primeiro resultado a conseguir, sem o qual as energias se dispersam ou voltam ao desanimo, e são improficuas para actuar.

O fenomeno de renovação de um povo é um fenomeno essencialmente politico. É a transformação das energias naturais numa ordem politica que as sintetisa e disciplina. É a criação de um dinamismo politico de autoridade e expansão que na primeira fase é a ditadura e na segunda fase o imperialismo dela derivado.

Ditadura Nacional quer por isso dizer o conseguimento da sintese de energias, da sua fixação numa consciencia politica e na certeza de uma finalidade.

Daqui se concluirá pois que o messias, o despertador das energias de um povo só terá acção proficua quando as faça marchar para essa congregação e constituição organica da força. Pode na verdade acontecer que um homem com qualidades superiores de animação das energias nacionaes não auxilie um povo na sua evolução e até a prejudique pela consequencia natural da sobre excitação das energias inutilisadas.

Acontece por vezes um animador de povos não corresponder, por erro mental ou incapacidade do momento colectivo a essa marcha para a autoridade organica e benefica. Assim se explica que o entusiasmo despertado no povo por um messias revolucionario, por um libertario, não tenha influencia nenhuma no acordar da energia nacional. São animadores de energias destrutivas, de ideais, de interesses, mas não da energia intima e especial que constitue a alma da Nação. Dom Pedro IV se quizermos tomar para exemplo esse representante do entusiasmo politico revolucionario, não acordou em coisa nenhuma o sentido e a força nacional do seu povo.

Mas alem dos animadores revolucionarios, fautores de dissolução e nunca de criação nacional, outros ha que a fraqueza ou o desanimo da sua psicologia, como D. Pedro V, ou a não resistencia ao meio, como Mouzinho de Albuquerque, não preparam para a obra nacional de renovo. E' preciso que ás qualidades de ani-

mador de almas se juntem as qualidades de compreensivo autoritarismo, de ambição produtiva, que o levem a querer organizar com as energias nacionais por eles despertadas uma construção política, uma forma estável da força da autoridade da Nação e das forças e ideias que dentro dela vivem e lhe são naturais.

É preciso que o messias seja um ambicioso ou um autoritário e á falta destas qualidades instintivas, ou além delas, um consciente pensador para a sua aplicação á realidade política e social. De que serve, na verdade, entusiasmar um povo inteiro, dar sangue e esperança ás ideias que dentro dele vivem e ás suas qualidades, sem que isso se congregue numa realidade social, numa actividade governativa própria, na exponente Ditadura da Nação?

O animador, o messias, que realisa a obra de renovação da alma nacional é aquele que desperta as energias da Nação para as congregar consigo numa autoridade organica, numa ditadura dessas energias, contra os erros, as pressões estrangeiras de fora e dentro das fronteiras, contra as divisões, as experiencias ideologicas, as ideias livres, contra tudo o que represente uma diminuição da força nacional.

É para a criação desse regimen nacional que é preciso o acordar das energias do povo que o messias realisa. A renovação pode estar já feita nas ideias criadoras e dirigentes que vivem no seio da Nação, e até mesmo na consciencia da sua aristocracia, mas isso não basta. E é o que falta, é a obra de místico entusiasmo, de messianica loucura acordando o povo inteiro e reflexamente transformando o escol dos seus homens e as proprias ideias já criadas o que o animador vem fazer. É preciso que ele apareça e que ele realise assim a sua acção. Porque o aparecimento de um messias que não conduza para esta disciplina o seu povo, pode ser um factor mais na sua dissolução.

As energias portuguesas haviam acordado de ha muito e de ha muito haviam traçado o seu caminho para a Ditadura Nacional.

Realizada a obra de dissolução democratica e liberal iniciou-se logo a reacção da autoridade ao mesmo tempo que o instinto da raça esperava, no seu messianismo, o Animador. Quando essas duas forças se encontrem teremos o momento de renovação definitiva.

A reacção de autoridade, o caminho consciente para uma ditadura nacional inicia-se já na monarquia liberal que fôra importada do exterior e enxertada sobre o regimen tradicional, politicamente perfeito mas apoiado em energias não renovadas e dormentes.

A primeira reacção politica pela autoridade nacional, corresponde á propria reacção da intelligencia nacional, ao renovamento operado nas intelligencias portuguesas pelo sentido tragico das coisas, pelo estudo dos valores estranhos e dos nossos, pela criação genial, original, de verdadeiros valores portugueses de pensamento.

A primeira reacção de autoridade nacional aparece assim com Oliveirã Martins com a sua formula portugueza tradicional e renovada de *O Rei e o Povo*. João Franco tenta depois pô-la em pratica salvando ainda a Monarquia. Fa-lo porem contra energias mais fortes.

Já surge o messianismo de renovo politico pela Republica mas com ele tambem vem a mesma ideia de autoridade nacional, de ditadura da nação contra as formulas. Era a revolução nacional contra as formulas e os partidos, os erros e as falsas disciplinas e a conglobação das energias despertadas numa ditadura nacional que realisasse a obra que havia a fazer. Que formula é esta senão a de Bazilio Telles?

No entanto a ideia revolucionaria despertara a indisciplina. Os idealismos e forças de renovo nacional

foram subvertidos pelos idealismos revolucionarios de liberdade e democracia.

E assim aos erros do passado juntaram-se mais erros e mais ruinas.

A reacção mental e moral começou a fazer-se em volta do tradicionalismo. Faltava porem á Raça o entusiasmo, a esperança, o sonho dos momentos criadores. O nosso instinto messianico esperava o Animador.

Ele devia vir ao mesmo tempo despertar as energias nacionais e realizar a reacção da autoridade. Assim pela junção das duas obras poderia iniciar a Ditadura Nacional.

Sidonio Paes aparece pois para indicar a Ditadura Nacional que não chegou a realizar. O seu aparecimento é como que uma iluminação do povo inteiro de Portugal. A onda messianica que o levantou e fez dele o que é para a historia de Portugal vinha a crescer de ha muito. Mas foi ele que, ao mesmo tempo animador de almas e autoritario e ambicioso, poudé instinctivamente fazer essa obra ainda não realisada e tantas vezes tentada.

Sidonio Paes é o primeiro Ditador de Portugal.

É o primeiro ditador depois do periodo de estagnamento e decadencia das qualidades nacionais que nós sofreramos. É o primeiro Ditador Nacional, isto é, aquele que primeiro, despertadas as energias nacionais (como antes com D. Pedro V ou João Franco) as congrega directamente no poder atravez da sua autoridade pessoal. É o Animador tornando-se Ditador, são as energias vivas organisando-se instinctivamente em autoridade nacional.

É o Ditador contra a anarquia e a dissolução da autoridade mas acima de tudo o Ditador que sintetisa as energias nacionais e as impulsiona.

É esta a sua função na historia portuguesa, e não a de organisador ou legislador que não foi.

Ele leva para o governo o mesmo entusiasmo que despertara com a revolução vencedora. É o homem que leva as energias da raça, o seu messianismo e esperança ao governo da Nação, e faz deles os elementos da autoridade.

É numa palavra quem prepara as bases vivas em que pode assentar uma verdadeira Ditadura Nacional.

Porque ele na realidade não a fez, não a pode fazer. Foi apenas o animador de energias e o iniciador, o precursor da Ditadura organizada.

A sua obra principal foi o despertar das energias nacionaes e a lucta contra os inimigos de dentro. Um ano inteiro lutou. Foi sempre, e cada vez mais perante o povo o foi, o Heroi que não teme, o Arcanjo combatendo o mal.

Ao heroi não se pede outra obra. E ele foi mesmo como chefe do estado o heroi. O que ele devia ao seu destino era conglobar as energias portuguezas contra o inimigo, vence-lo, esmaga-lo onde quer que ele as ameaçasse. Ele permitiu com a sua obra de heroicidade, de defeza nacional, de esperança, a organização definitiva da Ditadura Nacional, inicio de uma nova era de acção portuguesa forte e fecunda. Não é um realisador? Mas como realisar num paiz que está na fase de criação nova e intensa, sem uma grande acção de libertação? Ele foi o libertador, o que tornou possivel a nossa esperança e a nossa fé em Portugal, num Portugal livre de lutas politicas, consciente da sua acção. Foi o primeiro Ditador em nome da Nação e sem nenhuma prisão politica a amesquinha-lo.

Fe-lo conscientemente em tudo? Decerto não. Mas isso que importa se a sua função dentro da vida nacional foi toda de alma e de sentimento?

Quando após um ano de luta farmidavel contra a dissolução do paiz, os embates do inimigo, o estrangeiro do interior, e contra as incompreensões mesmo as bem

intencionadas dos que só viam a solução política e não o renovo nacional que causara; quando após um ano de martírio, atraído até por companheiros de revolução ele dizia: — "Ninguém deseja mais a minha morte do que eu" — Sidonio Paes não desistia do seu triunfo.

Coroava-o voluntariamente com o martírio da morte. E sagrado por ela — o herói nunca vencido, assassinado por instigações reles e á traição, miseravelmente desamparado de todos — pode aumentar ainda a sua obra.

Teria que amesquinhar-se vivendo numa obra que não lhe pertencia e para que não nascera. E a morte veio fazer dele para o povo inteiro um santo, um mártir, o aparecido de um momento, como incitamento de Deus á alma de Portugal.

Até uma desgraça pode actuar favoravelmente sobre a alma colectiva de um povo. A morte do Ditador, sagrando-o pelo martírio, vinha dar maior intensidade á acção que exercera a sua alma sobre as almas de todos. Pela intensidade da desgraça em que lançou o povo inteiro, pela dôr, pelo desespero, tornava mais querido o principio de Nacionalismo e da Ditadura que encarnara. E pelo engrandecimento da sua figura na morte e no martírio vincava mais fundo o renovo sebastianista que representara.

III

Animador das energias da raça, Messias da sua esperança, Renovador da autoridade do estado nacional, Sidonio Paes foi o primeiro Ditador Português. Foi o primeiro que directamente representou a energia e a vontade nacional contra as lutas de facções e os erros e crimes politicos.

E' um precursor da Ditadura Nacional, para que contribuiu com a sua acção messianica sobre o povo, já como heroi salvador, já como chefe autoritario que indica o novo poder do estado nacional. A sua obra, pode dizer-se que restringida ao sentimento, é no entanto enorme. Era a obra que devia ser e no momento em que veio. Se outras fossem as suas qualidades não podia cumprir utilmente o seu destino. Foi uma obra realisada sobre o sentimento mas nem por isso menos solida e duradora do que a obra que as inteligencias constroem objectivamente.

E' tão grande a sua acção, assim realisada, que não só nos aparece como a acção precursora da organização da autoridade portuguesa mas até como uma antecedencia, um sintoma precursor dos movimentos ditatoriais da Europa após a grande guerra. Representante e sintese das energias politicas da evolução portuguesa (mais adiantada, pela tragedia e descalabro que sofreu Portugal, do que as evoluções modernas de outros países) ele poude preceder todos na indicação da for-

ma ditatorial de governo como o recurso para a crise do estado moderno. Não nos atrevemos a dizer que ele conscientemente tivesse previsto a evolução da politica mundial, marchando para as soluções reais, pessoas, contra o dominio das formulas e das ideologias congregadas em partidos e facções, isto é a evolução para o predominio da energia profunda dos chefes e das raças sobre os arcaboços gastos da velha politica.

Não previu decerto este movimento que nem a propria guerra conseguira, tal era o estado de anquilosamento da Europa, e que multiforme e geral, aparece depois da guerra e da completa falencia das politicas consagradas, todas elas, e dos estados organisados, qualquer que fosse o seu feitio exterior.

Movimento que se manifesta no mundo inteiro, revelando-se pelas formas mais diversas, num paiz para sustentar uma organização de estado tradicional, noutro para a derrubar, e renovar assim as forças da Nação, noutro ainda para recriar o Estado sob novas formas. Não previu talvez pela inteligencia esse movimento de energia humana das ditaduras que veio sobrepor-se á estagnação da politica consagrada. Mas sentiu-o em si e no seu povo, encarnou-o e realizou-o já antes que nenhum outro homem o tivesse feito. No seu valor de Messias, de animador de almas, foi assim que ele o previu, sentindo-o, encarnando-o espontaneamente. Por isso nós podemos afirmar que ele foi um percursor desse movimento ditatorial que hoje avassalou a Europa e que encherá o seculo XX para renovar com outros chefes e com outras dinastias até, a civilização ocidental.

Sentiu-o Sidonio Paes porque a sua alma superior foi acordada pela vontade instintiva da sua raça.

A evolução animica de Portugal (se assim podemos dizer) neste momento da historia do mundo ia mais adiantada que a de nenhum outro povo. Paiz

atirado para o marasmo e para o desânimo pela incapacidade dos seus governantes; paiz esmagado por teorias políticas, por ideologias e por formulas, tudo importado do estrangeiro; paiz mil vezes acordado para a salvação anunciada e sempre de novo esmagado por novas formulas sem dinamismo e sem realidade nacional; paiz cheio de energias interiores e contrariado nelas por mil infamias e traições; como não suscitaria o seu messias, representante da sua alma e da sua vida, o Homem, o Ditador, e não a regra ou a ideia politica incapaz?

Anciámos pela livre e forte expansão das nossas energias num Homem, num Ditador.

O nosso messianismo exasperado (que só a compreensão estrangeirada alcunhou de excessivo) era a aspiração da Ditadura. Aquela crise que toda a Europa veio a sofrer, sofriamo-la nós desde ha muito e já tínhamos sabido encontrar-lhe a solução — a superioridade da energia individual criadora sobre as ideologias, sobretudo representadas pelo liberalismo triunfante.

O movimento ditatorial português vinha de longe, desde a reacção mental de Oliveira Martins passando por João Franco tentando salvar o regimen mas renovando o seu arcaboço politico, por Bazilio Telles tentando renovar a Nação por uma revolução vencedora e congregada numa ditadura de realizações. Mas era ainda a ideia profunda, interior lutando contra a ideologia e não a expontanea sintese de forças da Nação.

O movimento messianico do sidonismo vem realizar essa obra. Acordam em toda a sua profundeza as forças da Nação e sintetizam-se num Ditador. Quando na Europa se lutava ainda em nome dos principios liberaes, e os governantes se recusavam, mesmo em face das responsabilidades da guerra, a governar con-

tra os principios e só pela vontade criadora e autoritaria, Sidonio Paes já aparecia como Ditador, sagrado pela autoridade propria e pelo sentimento do povo, verdadeiro chefe das eras criadoras, Impulsionador e Rei e não o *representante*, o *inutil representante* que qualquer rei ou presidente da Republica era nesse momento.

E' o primeiro chefe de autoridade propria; o primeiro chefe que surge audazmente na Europa Liberal. E era preciso coragem para o fazer num mundo entusiasmado por ideologias, por liberalismos contrarios á livre expansão da energia dos chefes. E' o primeiro na reacção ditatorial. Foi-o como sintese de uma raça e como que dominado pela evolução intima de Portugal. Quando a crise se acentuou lá fora, a um por um os povos foram recorrendo á eterna verdade criadora da politica, á energia individual dos chefes.

Quiz salvar-se e renovar-se a Turquia, atirada para todas as miserias e descabros e recorreu á acção ditatorial de Mustafá-Kemal.

Quiz a Italia, ameaçada de dissolução social, recompor a sua ordem politica, conservar e renovar a sua Monarquia e recorreu á acção ditatorial de Mussolini.

Mas entre todas as Nações da Europa, Portugal foi a primeira a recorrer á Ditadura para se salvar. Sidonio Paes foi o primeiro na reacção ditatorial e deste modo foi tambem um dos primeiros a fazer governativamente a reacção anti-liberal.

Se ele tivesse dado mais um passo teria sido o primeiro Ditador Reaccionario da Europa. Mas não o soube nem o poudo fazer. Para isso teria de ser não apenas o messias mas o organisador consciente, o politico completo, o realizador definivo.

Mas na evolução social da Europa moderna congregam-se dois movimentos, penetram-se e influen-

ciam-se entre si e a acção sobre um deles exercida não é indiferente ao outro. Um dos movimentos, essencialmente mental, é o da reacção anti-liberal. O outro é um movimento de renovo das energias políticas, o movimento ditatorial. Este movimento, porem, renovando as forças nacionais e criando a sua directa emanção na Ditadura, veio derrocar o edificio essencialmente formalista, anti-humano, em que conclue o liberalismo. O pior inimigo do liberalismo, do politiquismo liberal, foi pois o movimento ditatorial mesmo quando não conscientemente reaccionario.

Acresce porem que o verdadeiro movimento ditatorial (sendo uma realisação das energias nacionaes na autoridade forte e no mando) tornar-se-ha fatalmente anti-revolucionario, anti-liberal na legislação e na intelligencia. Todo o movimento ditatorial é realizado com as energias de uma Nação. Não confundamos por isso nunca Ditador Nacional com Comissario do Povo e saibamos opôr estes dois termos como eles merecem. *Ditador* quer dizer na realidade politica de hoje o chefe de uma Nação e o concentrador da sua autoridade e poder. *Comissario* quer dizer o chefe de uma ideologia revolucionaria e investido do poder, contra as energias nacionaes, para a realizar ou expandir.

O movimento ditatorial é sempre um movimento de autoridade nacionalista ou nele acaba por concluir. Nos fenomenos nacionalistas, alguns anti-ditatoriais como o da India, ou anti-reaccionarios como o da Irlanda ou da Turquia exemplificam bem o que é o nacionalismo que representa o terceiro movimento da evolução actual do mundo. Mas o que é afinal este movimento senão o inicio do movimento ditatorial? O acordar das energias nacionais, é a base para a criação da autoridade nacional consubstanciada depois no Ditador. E é tambem por seu turno a verdadeira força do movimento reaccionario pelo com-

bate espontaneo, organico, que oferece ás ideologias humanitarias e internacionalistas.

Despertado o nacionalismo fatalmente ele se organizará em Ditadura e com ela virá a reacção anti-liberal. Por isso a acção nacionalista e ditatorial de Sidonio Paes iniciou no governo a obra reaccionaria consciente, a primeira após o movimento Maurrasiano da França, e o que o Integralismo Lusitano levou a cabo em Portugal. Após o movimento mental da França, de Portugal e da Italia, ainda não apparecera em parte nenhuma uma acção governativa correspondente. O primeiro a faze-la foi o governo de Sidonio Paes. Procurando a ordem e a estabilidade deitou mão das ideias da reacção anti-liberal.

As ideias integralistas influem na Constituição politica do Sidonismo e nas suas leis testamentarias, nas suas bases administrativas. Os integralistas colaboram directamente na factura dessas leis. Numa palavra: estava iniciada governativamente a obra reaccionaria e primeiro que em qualquer outro paiz. É obra reaccionaria sobretudo significativa porque não era feita como apoio a um regimen tradicional, estavel, mas sim a uma ditadura nova e criadora.

Dentro da reacção anti-liberal Sidonio Paes fez muito; mas não soube e não quiz fazer tudo quanto podia. A sua mentalidade soffria ainda de preconceitos liberais e republicanos. Era ainda um liberal por educação e feitio e sinceramente o era. Criado mentalmente no ambiente liberal português e depois na propaganda republicana (apesar da imensa admiração e da leitura assidua de Carlyle, tão suscitadora de ideias ditatorias e criadoras) Sidonio Paes não pode ser completamente o Ditador Anti-Liberal.

O seu preconceito republicano não o deixou realisar a obra que iniciara. A sua intelligencia e a sua educação contrariaram o instinto da sua alma. No entanto

Carlyle devia ter-lhe ensinado que a Republica era necessaria como prefacio ao aparecimento de novos heroes, de novos chefes e apenas por isso.

É um enigma insolúvel o da sua psicologia.

Viria ele a tornar-se conscientemente no Ditador Reaccionario que a Nação esperava e necessitava? É natural que se vivesse, e depois de aniquiladas as forças demagogicas e restauracionistas, se fizesse o Ditador Nacional completo? É muito natural que não. A sua psicologia de iluminado não o deixa crer. Messias e animador de almas, antes de mais nada, ele só foi Ditador por consequencia logica do movimento que o impulsionava. É menos conscientemente ele quiz a obra reaccionaria. É o messias e não o politico realisador.

Vencedor da morte e vitorioso em 8 de Dezembro de 1917 vae num esplendor de gloria iluminando providencialmente a alma do povo até ao martirio e á morte em 14 de Dezembro de 1918. E com o martirio e a morte aumenta a sua acção sobre as energias mais fundas da alma da raça. Os que ele não convence vivo, convence-os pela morte. É como todos os messias, como todos os que animam a alma dos povos pelo sentimento e a força da alma. "Morro bem... Salvem a Patria" que grito mais nobre ecoará em Portugal depois do grito de D. Sebastião: "Morrer... mas de vagar"... Novo grito do Desejado já não nos deixava por destino a morte lenta e heroica. Ele, sim, morria, mas para apontar a salvação. E no seu martirio sagrava o nosso novo destino na obediencia á frase final que nos deixou.

Actuando assim milagrosamente como um messias, que admira que o seu destino fosse curto e glorioso? Era apenas o precursor, a esperanza aparecida, e o primeiro passo para a Ditadura Nacional.

Mas do movimento providencial que operou na raça portuguesa só ele é o criador e por isso com essa

acção e caracter temde entrar na historiada nossa evolução nacional.

Que a sua obra não tenha sido tão proficua quanto podia, não tem ele a responsabilidade.

A incapacidade mental e moral dos homens apontados para a chefia e o fenomeno especial da luta entre a Republica e a Monarquia anularam a acção immediata da sua obra. Presa a perconceitos republicanos e a perconceitos monarquicos restauracionistas a Nação não actuou organicamente, vitalmente depois da sua morte. Renovou as suas passadas divisões, fez-se de novo liça de luta politica e não a sintese de energias que foi durante um ano inteiro sob a ditadura de Sidonio Paes.

Deixou de ser a organização expontanea de energias e a realisação directa no estado da vida da Nação para ser a despedaçada e decadente organização de lutas que já tinha sido. Sobre a morte do Heroe Nacional, quando dolorosamente se tentava proseguir na sua obra, os seus assassinos tentam o ataque directo ao poder. Renovavam o assalto das forças estrangeiras á Nação contra todos os seus desejos e aspirações. Por preconceitos aceitaveis uns, por erro e infamia outros, renovavam o crime de alta-traição ao acordar da energia nacional e á formação expontanea da sua autoridade, que fora o movimento nacionalista e ditatorial de Sidonio Paes.

Desgraçadamente o movimento de reacção não se deu como devia.

Não houve um chefe capaz de manter o principio nacionalista e o principio ditatorial que constituíam a ideia do sidonismo. Não houve um continuador do messias que mantivesse o entusiasmo sagrado, que o organisasse para a luta contra todas as facções, que criasse a continuidade ditatorial e nacionalista até que a obra da renovação e criação estivesse toda completa.

Não houve nenhum homem capaz de continuar o Ditador, nenhum. Chefes militares com o exercito na mão, com a corrente de energias levantada pelo messias, nada souberam, nada poderam fazer. Quando era o momento de continuar a ditadura nacional, espontaneamente portugüesa, acovardaram-se ou diminuíram-se em querelas politicas. Nenhum encarnava a força vital da Nação. Eram simples ambiciosos, simples facciosos sem o espirito de sacrificio sublime á causa nacional. Ou não sabiam agir ou agiam apenas para renovar as lutas de facção. E assim, para oporem á investida democratica só souberam levantar um espirito de facção. Para opor á possivel sinceridade dos preconceitos republicanos só inventaram os preconceitos restauracionistas.

O proprio presidencialismo que fôra para o Presidente-Ditador apenas a formula de simplificar, de legalizar a Ditadura da sua vontade criadora, se transformou em doutrina politica com formulas rigidas e em partido politico da Republica. Ninguem soube e ninguem quiz compreender a necessidade de um periodo organico de ditadura das energias espontaneas da Nação, de ditadura nacional antes de se chegar a qualquer consagração politica. E tudo isto porque não appareceu um chefe, um homem capaz de proseguir a obra de Sidonio Paes.

É natural que a massa tivesse sido atirada immediatamente para a luta de facções, porque vivendo de entusiasmos apenas, em facção transforma toda a força que dentro de si vibra e ordena.

O que não é natural é a miseria mental e moral dos chefes revolucionarios de então. Nem o exemplo directo, immediato, de Sidonio Paes foi capaz de os dirigir! Não eram valores individuais capazes de saltar por cima das legalidades, das formulas, dos preconceitos ideologicos, da imposição tacitamente rece-

bida do estrangeiro, de tudo emfim quanto representasse uma diminuição da energia nacional e da energia do chefe.

Não eram nem sombras de Ditadores.

O que eles representaram foi a falencia completa de uma geração. E porque a geração mais nova não podia ainda actuar na chefia, Portugal recaiu no mal de que o salvara o Libertador.

Quererá isso dizer a inconsistencia da sua obra ditatorial? De modo nenhum. Porque a sua verdadeira e profunda acção não se perdeu. O Portugal modificado pelo movimento sidonista já não é o Portugal de ontem. A obra do Messias ficou completa; a obra do Ditador pode ter caído em parte. Porque num momento excepcional de exaltação de energias, de febril criação, as gerações mandantes nada mais souberam que renovar a luta de ideologias e, apoz a queda da tentativa restauracionista, voltar a uma infamia politica maior do que a anterior. Isso porem não fez mais do que atrazar alguns anos a evolução natural da politica portuguesa. Em nada conseguiram anular a obra realizada: a renovação das energias nacionais, a sua sintetisação na ideia do Ditador e a certeza messianica da salvação. Momento de esperança foi esse ano de sidonismo.

E quem consegue apagar a esperança de um povo quando ela representa o acordar das suas energias? Os invasores, os estrangeiros, podem acaso abafa-la?

Á Ditadura messianica de Sidonio Pais virá corresponder a Ditadura consciente e forte de realisação e criação nacional. Para ela foi Sidonio Paes o precursor. E se a sua vida e a sua morte a prepararam, melhor destino não poderia esperar para si neste mundo.

Lisboa, 5 de Dezembro de M-923

JOÃO DE CASTRO

DISCURSOS E ALOCUÇÕES DE
SIDONIO PAES

COLIGIDOS E ORDENADOS POR
FELECIANO DE CARVALHO

STODWIO PAES
CABALLEROS E INOCENTES EE

FELEIANO DE CAVALHO
COLIGIOS E ORDENADOS POR

Os grandes homens marcam pelas suas palavras e pelas suas acções. Sidónio Paes foi um grande Homem, foi mesmo o maior Homem que Portugal conheceu nestes ultimos tempos.

As suas acções estão na mente de todos, são de ontem; sobre elas não podemos ainda ajuizar com segurança, sem receio de errar.

As suas palavras, essas, definem Ideias, esboçam programas; devem-nos servir de estímulo para o triunfo da Ideia Nova.

Lede :

*“Vereis amor da Patria, não movido
De premio vil mas alto e quasi eterno.”*

FELECIANO DE CARVALHO

Les points suivants sont relatifs à
la situation de la France en ce qui concerne
le commerce extérieur et les échanges
avec les autres pays. On voit que
la situation est assez favorable
pour le moment, mais il faut
être attentif à l'évolution
des différents secteurs.

Il est à noter que la France
a une balance commerciale
globalement positive.

LE MINISTRE DE L'ÉCONOMIE

Suplemento ao Diario do Governo proclamando
a Vitoria da Revolução

"Cidadãos! *Venceu a Republica contra a demagogia.*
É, pois, indispensavel que todos os cidadãos regres-
sem ás suas honestas actividades, sendo, cada um,
um elemento de ordem.

*A Revolução teve em vista restaurar a Justiça e o
Imperio da Lei, e, sendo feita contra a desordem do Po-
der, ele deseja a tranquillidade e o trabalho, e, tendo
autoridade moral para conseguir estes elementos de
paz nacional, tem a fôrça para os tornar efectivos.*

Cidadãos! *A Revolução é feita em nome da Liber-
dade contra a tirania e a verdadeira liberdede exige
calma-nos espíritos, respeito por a vida e propriedade
alheia e confiança na autoridade.*

Viva a Pátria!

Viva a Republica!

Lisboa, Parque Eduardo VII, 8 de Dezembro de
1917 — O comandante das fôrças revolucionárias, Si-
donio Paes."

2.º Suplemento ao Diario do Governo

"O Povo e as fôrças revolucionárias de terra e mar,
em nome da *Pátria* e da *República* querendo desde

já assegurar a ordem e a continuidade das Instituições que o Povo Portuguez livremente escolheu em 5 de Outubro de 1910, proclamou em nome da Nação a seguinte *Junta Revolucionaria* que, no mais breve espaço de tempo deporá o seu mandato nas mãos de um Governo constituído de harmonia com as aspirações nacionais:

PRESIDENTE :

Sidonio Bernardino Cardoso da Silva Paes

VOGAIS :

*Antonio Maria de Azevedo Machado Santos
José Feleciano da Costa Junior.*"

Proclamação da Junta Revolucionaria

Cidadãos!

Triunfou a Revolução que representa a Republica generosamente proclamada em 5 de Outubro e *miseravelmente atrainçada por uma casta politica que audaciosamente conquistou o poder e o explorou em proveito proprio e com grave damno do Paiz.*

Mas a Justiça, a execução honesta e imparcial da Lei, a Ordem e a Autoridade, pertencem aos que arriscaram a vida pela Patria e pela Republica.

Em nome dos que heroicamente venceram, a *Junta Revolucionaria* assume o Governo com a consciencia da hora grave que passa para garantir a existência da Republica como expressão da vontade nacional, mantêr a Ordem, assegurar o Império da Lei e exigir o

respeito pelas vidas e propriedades. Respeitando e fazendo respeitar integralmente todos os pactos internacionais contraídos em nome da Nação, procurará também restabelecer a harmonia e a unidade da Patria!

Viva a Pátria!

Viva a República!

JUNTA REVOLUCIONARIA

Sidonio Paes

Machado Santos

Feliciano da Costa."

12 de Dezembro de 1917

Na posse do Dr. Sidonio Paes como Ministro dos Negocios Estrangeiros:

"Conto com o concurso de todos o funcionarios deste Ministerio, como conto com todos os portuguezes, para a grande obra iminente nacional a que nos abalançamos; eu e os meus companheiros da revolução.

Apesar da Republica ter só 7 anos já se notava a existencia de costumes corrompidos que em tudo faziam lembrar os que de velha data envenenavam a politica portugueza.

Os revolucionarios tentaram um grande esforço para regenerar esses costumes, para reintegrar a Republica na sua puresa, para robustecer a Patria.

E' uma tarefa difficil, mas não impossivel!

Havemos de a levar a cabo."

12 de Janeiro de 1918.

Da Janela do Grande Hotel do Porto, na sua primeira viagem ao Norte do Paiz :

"Povo da cidade do Porto ; eu vos agradeço comovido esta manifestação, não por mim, mas, pelo espirito da Revolução que representamos para a Nova Republica, para a Liberdade, para a Ordem, para que todos aqui possam caber e trabalhar, trabalhando honestamente, activamente, com todas as forças do nosso corpo e da nossa alma em prol da Patria. Heroica cidade do Porto eu vos digo : eu iria 20 vezes ao Parque Eduardo VII, *para combater a demagogia e estabelecer a Ordem se a demagogia a quizesse alterar.* E hoje que sinto um orgulho forte de ter o povo portuguez em minha volta e do governo, sinto-me bem compensado do trabalho e sacrificio que fiz pró Altar da Patria".

12 de Janeiro de 1918

No Quartel da Guarda Republicana do Porto :

"O esforço da Revolução tem de manter-se custe o que custar!...

Ai daquele que levantar um dedo ameaçador!

Tenho a meu lado o paiz, tenho a meu lado o affecto da tão generosa e cavalheiresca cidade do Porto."

13 de Janeiro

Discurso pronunciado no Edifício da Bolsa do Porto entregando-o á Associação Comercial da mesma cidade:

“Em presença das manifestações que me teem dirigido, sinto que perco a serenidade, tanto mais que tenho receio de amanhã não poder realizar a ideia do momento, que não é só do Porto, mas de todo o Paiz. Mas, visto que ela me é imposta pelas circumstancias, procurarei realisa-la, porque se assim não pensasse sairia do governo.

As revoluções são feitas por uma minoria entre o todo, que quasi sempre a ela se opõe, mas apesar disso, uma revolução nunca é possível desde que o paiz em espirito não esteja com ela. Daí o exito do movimento revolucionario de ha pouco; porêem, só agora, vi a consagração d'esse acto e foi aqui, na cidade do Porto, pelas manifestações que me teem sido dirigidas; não me admirando isso, visto esta cidade ser uma das que mais exemplo dá de trabalho, e o acto revolucionario ser dirigido contra a demagogia que não a deixava produzir. Em nome do governo e dos revolucionarios, eu agradeço a adesão que lhe acabam de dar e afirmo que o governo promete fazer justiça e ser tolerante, procurando para a confraternisação juntar todos os portugueses para a Salvação da Patria. A justiça que acaba de ser feita é já um facto para essa confraternisação.”

15 de Janeiro

De novo na Bolsa:

"Sinto-me satisfeitíssimo com a viagem triunfal e com as manifestações que me tem sido dispensadas e isso dá-me alento para levar a obra empreendida até final, *conscio de que terei o apoio de todo o paiz, pois para ele é que trabalho e farei todos os sacrificios, apoiado sempre na opinião publica.*"

14 de Janeiro

Em Infantaria 20 (Guimarães):

"Em nome dos soldados que se batem em França agradeço muito reconhecido as vossas saudações, e aproveito esta ocasião para rebater as vis calunias levantadas contra o movimento de 5 de Dezembro que não era de character germanofilo, como se afirmou. O governo manterá a politica iniciada em 1914, e os revolucionarios marcharão com os seus camaradas a cumprir o seu dever. Tive sempre a opinião de que se devia dar apoio aos aliados e afirmo mais uma vez que o exercito cumprirá o seu dever. Dois contingentes de tropas partiram já, e outros se seguirão. Falou-se tambem que no movimento de 5 de Dezembro entraram monarchicos. Entraram de facto, sem esse character; eram pessoas honestas, incapazes de fazer o que deles diziam. Bastaria pensar que á frente do governo estava eu que desde os 15 anos sou republicano e que da Junta Revolucionaria faz parte Machado Santos, entrando no ministerio outros republicanos conhecidos, para não se

pensar em traição. Diga-se o que se disser, agrade a quem agradar, o governo é republicano e nunca poderia fazer qualquer traição á Republica. Faço esta afirmação para que não haja equívocos e declaro que *esta Republica tenderá a reconhecer todos os cidadãos como portuguezes respeitando as suas ideias.*»

14 de Janeiro

Discurso pronunciado nos Paços do Conselho de Braga :

«Agradeço a confiança que em mim manifestais e afaio pela minha honra, que *o governo respeitará em tudo o espirito da revolução que tende a dar ao paiz todas as liberdades e terminar com todas as tiranias. Não se quer saber, nem venho perguntar, a que partido pertencem, desejo apenas saber se estão de alma e coração com o governo contra a demagogia.* De resto, do lado do governo estão o exercito e a marinha e, pelo que tenho visto e sentido está tambem o Povo. As manifestações da cidade de Braga representam uma adessão, que comovidamente agradeço.

Viva a Patria ! Viva a Republica !»

15 de Janeiro

Na Camara de Viana do Castelo :

«Agradeço comovido as vossas manifestações e crêde que nunca poderia deixar de vir visitar esta ci-

dade, pois que sou minhoto deste distrito. Se assim não procedesse seria um ingrato.

Não me envaidece o cargo a que fui elevado, pois sei que são enormes as responsabilidades que recaem sobre os meus hombros, encargos que não se vencerão se todos os portugueses não estiverem unidos para me darem o apoio indispensavel. Nesta terra de nobres tradições ouvi palavras de fé que me dão alento para resolver o grave problema nacional. Agradeço as manifestações que me fizestes e peço a todos os presentes para que consigam que outros se lhe juntem nas boas intenções e propositos, pois *a questão portuguesa não se resolverá sem a união de todos, nesta hora gravissima, sendo necessario não deixarem perder a esperança que trouxe a revolução.*

E' necessario acabar os odios que dividem a familia portuguesa. Esses são os intuitos do governo. As formais oposições, não receadas pelas suas resistencias passivas, é preciso que terminem.

Estou certo de que todos darão o apoio ao Governo, porque será justo, de contrario, não precisavam dele."

15 de Janeiro

No almoço do Hotel Central de Viana do Castelo.

O Presidente do Municipio sauda em Sidonio Paes o exercito portuguez que se bateu na Flandres.

Sidonio Paes agradece e aproveita a ocasião para rebater de novo as calunias levantadas contra a Revolução de 5 de Dezembro:

"Agradeço em nome dos bravos portugueses que n'essas terras de Flandres mais uma vez levantaram bem alto o nome de Portugal.

Aproveito o ensejo para desmentir a reles calunia de que o 5 de Dezembro teve como principal objectivo sonegar os compromissos com os aliados. Fui sempre de opinião de que devia infileirar-se ao lado da nossa secular aliada em defesa do Direito e da Justiça.

Afirmo tambem, mais uma vez, as minhas convicções de republicano e desminto tambem os caluniadores que me apodam de fazer o jogo dos monarchicos, abrindo o caminho para a monarchia.

Sou republicano desde os 15 anos. Do governo faz parte Machado Santos, o fundador da Republica, e outros republicanos. Nunca traí nem trairei os meus principios, a minha fé republicana. *No programa do governo cabem todas as ideias generosas. Aceito todos os homens honestos e bem intencionados sem olhar aos seus credos politicos ou religiosos.*

Sei que me ouvem imensos monarchicos, mas não acredito que algum deles seja capaz de alterar o programa republicano do governo ou atentar contra a Republica.

Eu me oporia implacavelmente como republicano a qualquer tentativa de restauração monarchica."

11 de Fevereiro de 1918

Entrevista de Sidonio Paes com um redactor do jornal *Diario Nacional*, após as viagens ao Norte do Paiz:

"As manifestações foram realmente entusiasticas. Esse entusiasmo que eu não recebi como pela minha pessoa mas pela revolução em mim representada, é uma prova de que a opinião publica está conosco e

*de que o movimento de 5 de Dezembro foi recebido por todo o paiz como um movimento de liberdade. As manifestações do norte como as que respeitosa-mente me fazem nos Teatros de Lisboa são consoladoras. Mas... não bastam! É preciso mais... Mais alguma coisa.

É preciso que essas manifestações não fiquem pelas palavras e pelos vivos, que se tradusam num apoio decidido, franco. Unamo-nos se queremos ter uma paz durável, que permita o trabalho.

Libertámos o paiz da oligarquia democratica substituindo-a por um governo de liberdade e de moralidade. Já se fez muito. E' preciso conseguir muito mais. O que pretendo? A reconciliação da Familia Portuguesa!...

Falo a linguagem da verdade.

O paiz quer viver, trabalhar? Para isso precisa de paz interna duradora. Para a ter precisamos unirmo-nos. E' preciso que essa grande massa de conservadores e dos indiferentes nos apoie. E deixe-me dizer-lhe que espero consegui-lo.

Estou convencido que hei-de atraí-los."

15 de Fevereiro

Nos Paços do Conselho de Evora, respondendo a diversos oradores:

"Agradeço as manifestações que me fizeste, não por mim mas pelo espirito da revolução.

Tanto a extrema direita como a extrema esquerda pretendem desvirtuar as intenções do movimento de 5 de Dezembro; pois uns afirmam que para continuar o mesmo regimen não valia a pena trabalhar, outros que

não valia a pena fazer a revolução para proseguir em Republica. Não é bem isso ; *visto que a revolução se fez para implantar um regimen novo em que monarchicos e republicanos possam viver. A rotina dos partidos é um mal. E' necessario formar um partido constituido por todos e para realizar a obra da Republica assim se deve fazer.*

Peço me deis licença para brindar pelo homem que mais ajudou a revolução, mesmo depois de saber que "políticas habilidades" haviam abandonado até mesmo o proprio chefe. Esse homem é Antonio Miguel de Sousa Fernandes que está presente.

Em nome dos companheiros de lucta agradeço ao povo de Evora as suas manifestações e ao governador civil a forma como tem desempenhado o seu cargo.

Na pessoa do general Mousinho de Albuquerque saúdo a guarnição da cidade, e na de José Soares a Agricultura á qual rogo a sua importante e valiosa cooperação.

Viva a Patria! Viva a Republica!

Viva o Povo de Evora!"

17 de Fevereiro de 1918

Discurso nos Paços do Concelho de Beja agradecendo as boas vindas dadas pelo Presidente da Camara :

Agradeço as manifestações grandiosas que o povo de Beja me fez, não só em meu nome, mas no de todos os que comigo combateram quando n'aquela tarde angustiosa trovou o canhão no Parque Eduardo VII.

Toda a gente de boa fé estava convencida de que o

espírito que me animava era o republicano, não restando também dúvidas de que *esse movimento tinha por fim acabar com o democratismo e com a sua obra nefasta.*

Os actos passados no parlamento são uma vergonha; desacreditaram-no.

O partido unionista dentro da lei tudo fez para acabar com esse estado de coisas. Pena foi que ele no seu conjuncto não tivesse tomado parte na revolução; tendo contudo a certeza de que esse partido está neste momento com o espírito da revolução.

Duas questões importantísimas teem de ser resolvidas, sendo uma a da Ordem Publica, por toda a gente reclamada, por todos aqueles que do trabalho querem progredir. A outra questão é a solução do problema politico, isto é, realisar o equilibrio politico, para que se estabeleça a paz no paiz.

O regimen parlamentar já deu todas as suas provas durante os 80 anos de constitucionalismo monarchico e as provas são negativas. Em pleno seculo XX não é possível o regimen absoluto tendo-se portanto que optar pelo regimen republicano; mas para isso é necessario que o paiz se pronuncie sobre a forma de regimen que deve adoptar: se parlamentar, se presidencialista.

O primeiro faliu; o segundo é a Ideia Nova!

Brevemente se realisará a eleição presidencial por sufragio directo, elegendo-se depois as camaras para a revisão da constituição.

Novamente vos agradeço a manifestação que me fizeste e faço votos para que todos os portuguezes se unam, seja quaes forem as suas ideias!...

Pelo que tenho visto todos os portuguezes estão ao lado do governo e portanto este está integrado no Povo Portuguez.

Viva a Patria!

Viva a Republica Nova!»

4 de Março de 1918.

Discurso de agradecimento na recepção nos Paços do Concelho de Santarem:

“Agradeço a manifestação do povo de Santarem e sinto-me orgulhoso por ver que os efeitos da revolução de 5 de Dezembro também chegaram a esta cidade. Notei pelo discurso do Snr. Presidente da Comissão Executiva de Santarem as ideias do povo de Santarem sobre qual o espirito do destino da Nação.

O governo emanado do Parque Eduardo VII tem por fim conjugar os espiritos portugueses para que assim se consiga o ressurgimento da nossa Patria.

Essa ideia deve estar em todos.

Todos os esforços se devem conjugar para que se ponham de parte as paixões e divisões e haver simplesmente uma ideia que é a de bem servir a Patria.

Dentro da Republica o movimento republicano é só anti-democratico. Contudo foi dentro da Republica que se fez a demagogia.

Destruir é difficil, mas construir ainda é mais.

Já se destruiu a demagogia mas ainda é preciso mais. Vamo-nos pois precavendo para o futuro, e não sejamos sectarios.

Se a organização dos partidos herdou por atavismo defeitos da monarquia é preciso que isso não continui.

É necessário seguirmos outra carreira, no sentido de que o sectarismo seja posto de parte.

E' necessario formar-se um partido, o dos homens de bem para bem servir a Patria.

Feita a revolução com os tiros de canhão, uma outra começava mas mais difficil, a qual foi liquidada na Costa do Castelo.

Uma outra que assenta como base n'uma reviravolta de espiritos continua ainda.

N'esse trabalho o governo procura dar o exemplo, porque o exemplo deve vir de cima. As proximas eleições teem um alto significado que bem se deve compreender.

Diz o Snr. Presidente da Comissão Executiva que a questão economica está acima de tudo.

Discordo! *A revolução politica é precisa.*

A liberdade do voto é absolutamente indispensavel. Não será o governo que pedirá votos para si. Não! Não será!

Nunca na minha vida pedi nada para mim e em qualquer colocação que tenho tido sempre conservei o pé no estribo, para que quando caisse, caisse de pé.

Esta é a solução moral que o povo portuguez tem de ter.

Reparai, portanto, que nunca a função de votar foi mais difficil do que é agora.

Termino pedindo a todos perdão por chamar a atenção para este ponto politico, mas se o fiz foi para interesse do Paiz."

4 de Março de 1918

No Governo Civil de Santarem:

"A manifestação que a historica e hospitaleira cidade de Santarem me acaba de prestar é tudo quanto de mais consolador toca o meu coração. Não ha duvida que o paiz atravessava uma epoca de sacrificio e que em toda a parte havia a mesma impressão de que nos achavamos á beira de um abismo. Eu, como quasi

todos os portuguezes, achava-me vexado pela forma como este paiz caminhava para a sua ruina. Protesto fazer alguma coisa a caminho de o levar á sua redenção. É certo que muita gente dizia estarem esgotados os meios de lucta. Todos viram que era necessario a acção revolucionaria. Todavia tive occasião de averiguar quanto era difficil organizar as forças para um acto revolucionario, como em tudo emque periga a vida.

Quando se não vê a certeza de vencer, era arriscada uma aventura; foi isso que me fez tomar a primeira d'esse passo.

Como se vivia já não era viver.

Os que em minha volta se congregaram, tiveram como eu, uma grande alegria, na noite de 8 de Dezembro, com a immediata certeza de que a lucta tinha terminado nesse dia.

Vi que era difficil vencer e só com todas as energias podiamos vencer.

Agora, não me resta a menor duvida de que o paiz está com o grupo revolucionario e os que não estiverem com ele, estão com a demagogia.

Qual o fim da revolução? E' muito grande.

Contudo uma só palavra dá esse pensamento. Conciliar a familia portugûesa que bem necessitava disso. Ligar todos os portugueses qualquer que seja a sua ideia religiosa ou politica.

Servir a Patria é uma grande aspiração! Muito mais se precisa: uma reconciliação!

Força para quê? É desnecessaria.

Queremos um Portugal que esteja á altura da sua historia e das suas tradições, que possa viver com honra entre as nações civilizadas com quem se acha ligado.

Para isso é necessario resolver primeiro o problema politico sobre a forma da Constituição.

A Revolução de 5 de Outubro venceu os homens e

os partidos politicos; todavia, nada se encontrou de plataforma sobre a constituição.

Fez-se a revolução de 5 de Dezembro e tudo mudou.

Pois se um tratado de constituição é a base d'uma nacionalidade, está mais que indicado que cada partido deve ver a forma de se fazer essa constituição. Devem pois os partidos tomar as suas posições para a sua forma de decisão. Sem isto não se pode marchar.

É necessario que todos aqueles que julgam indispensavel a constituição se unam como um só homem para fazer vingar esse preceito.

É necessario que se resolva amanhã perante as urnas se é preferivel o Presidencialismo ou o Parlamentarismo.

Eu quero principalmente que todos reflitam para ver se todos teem a mesma ordem de ideias.

Posto isto, desejo ainda tocar alguns pontos que julgo interessantes no actual momento.

Apesar da força de apoio que acabais de dar ao Presidente da Republica, assim como do Norte ao Sul do Paiz, é importante ver a atitude dos partidos.

Em virtude da guerra as subsistencias são poucas e raras, de que resulta que algumas classes passam mal, e cabe ao governo, resolver essa questão, que ele não descursa um só instante, mas que é difficil de resolver desde que a Ordem Publica é perturbada, vendo-se o governo na necessidade de pôr a sua espada e o seu revolver á cinta.

Noto em Lisboa um elemento que perturba os espiritos.

Os boatos circulam; em mentiras todos acreditam, mas pouco depois acreditam o contrario, de forma que o trabalho do governo é difficil.

O movimento de 5 de Dezembro foi anti-democratico.

Quem nos combateu? Os democraticos e só os acompanhou um agrupamento dos democraticos.

Sofisme-se como quizer. Os que estiverem neste momento contra o governo, estão com os democraticos.

Ainda hoje vi que a União Operaria Nacional não quer ir contra o governo.

Eu não desejo saber a que partido pertenceis, apenas sei que sois portugueses.

Tenho todavia a certeza que vós, tendo estado ao lado dum partido, desligar-vos-heis para estardes ao lado do governo.

Não venho pedir o vosso voto, mas venho pôr á evidencia a consciencia e a gravidade do momento e a obrigação absoluta de defender-mos o bem da Patria."

9 de Maio de 1918

Discurso da sua proclamação na Camara Municipal de Lisboa, no acto da posse, após as eleições que lhe deram uma votação estrondosa:

"O Povo Portuguez, chamado a manifestar, em suffragio universal e eleições livres, a sua vontade, acaba de consagrar a Revolução de 5 de Dezembro pela forma mais retumbante juntando a maior votação que ha memoria em Portugal à volta de um homem que tendo a honra de ser o Chefe da Revolução para ele encarna certamente os seus levantados ideais.

Inutil é dizer-se, da parte dos detratores da Revolução, que uma tal votação excedendo 500.000 votos não representa a vontade soberana do Povo Portuguez.

Nunca a abstenção foi menor, apesar de 3 agrupamentos partidarios a terem resolvido e d'ela terem feito em larga escala a propaganda, bem mais facil e susceptível de ser coroada de successo do que a de chamar os eleitores ás urnas.

Nunca a abstenção foi mais insignificante, apesar de faltar o estímulo da lucta; ninguém se propoz a Presidente da Republica e, por parte dos defensores da actual situação, um nome estava em todas as bocas; por parte dos que a atacavam nenhum nome foi indicado como representando as suas aspirações comuns.

Nunca a abstenção foi mais reduzida, apesar dos boatos alarmantes de perturbações da ordem publica, de atentados pessoais, de movimentos revolucionarios, para o que se pretendeu criar uma atmosfera de terror.

Nunca a ordem foi mais completa em um acto eleitoral, decorrendo sem incidentes em todo o paiz, apesar da propaganda revolucionaria que se fez e do convite á Revolução que implicitamente se continha na campanha do abstencionismo.

Nunca a liberdade foi mais ampla em eleições, que se efectuaram sem a menor pressão por parte das autoridades ou de influencias locais.

Nunca a legalidade foi maior em operações eleitorais, fiscalizadas de resto pela opposição.

Nunca a honestidade foi mais perfeita por parte do governo, que deu ordens terminantes para que se não exercessem quaisquer subornos ou corrupções, por mais disfarçados que fossem, nem se fizessem desdobramentos, processo imoral, tantas vezes usado.

Propositadamente, e por dois motivos principais, não apresentei ao paiz a minha candidatura.

1.º Porque nenhum desejo pessoal ou ambição illegitima tinha de me manter num cargo que só pelo de-

ver de assegurar o exito da Revolução assumi e que por experiencia sei ser um permanente tormento fisico e moral, na ancia sempre insatisfeita de buscar a felicidade do Povo, unico grande ideal que se alberga no meu coração e que absorve a minha existencia.

2.º Porque no momento actual e conhecendo o paiz bem o meu nome, necessario era deixa-lo em completa serenidade escolher independentemente de quaisquer sugestões, o homem que reputa digno da suprema honra de presidir aos destinos da Nação.

Nunca por isso foram mais expontaneos os votos que concorreram ás urnas eleitorais, na ausencia de solicitações de toda a ordem.

Debalde se fez durante os ultimos cinco meses uma campanha anti-patriotica e anti-republicana, tendo por base a dupla calunia de apresentar aos olhos dos aliados e aos olhos da Nação o governo saído da Revolução como hostil aos aliados e contrario ás actuais instituições.

Essa campanha insidiosa, que começou pela tentativa de enganar, intrigar, indispôr a marinha portuguesa, sempre briosa na defeza da Patria e da Republica, chegou ao cumulo de insinuar a intervenção estrangeira, ultima das ignominias a que só a absoluta falta de patriotismo pode levar.

A calunia, a intriga, a conspiração caíram deante da força invencivel da verdade.

Todos os actos do governo da Republica, sem uma unica excepção, depois de 5 de Dezembro, demonstram o seu cargo de cooperar com os aliados e todos foram realizados no mais perfeito acordo com eles.

Todos os actos do governo da Republica, saído da Revolução de 5 de Dezembro, foram inspirados na mais pura fé republicana e se encaminham para a *consolidação da Republica, pela integração de todos os portugueses num grande movimento nacional; e essa*

politica quaisquer que fossem os obstaculos encontrados teve o seu mais formidavel successo na eleição que acaba de realizar-se, onde o Presidente da Republica reuniu á sua volta meio milhão de eleitores conscientes da necessidade de se entrar num periodo de calma, de ordem e de socego, que permita o desenvolvimento de todas as forças uteis ao paiz.

O povo, na sua extraordinaria clarividencia, no seu infalivel espirito de justiça e na sua nunca desmentida sinceridade, repudiou todos essas calunias, julgou, sentenciou e coroou assim, com o seu espirituoso aplauso, a obra da Revolução.

Povo Portuguêz! Sinto-me orgulhoso de ser o teu Presidente eleito e procurarei, quanto em minhas forças caiba, corresponder á confiança que em mim depositaste, *sendo o teu amigo de todas as horas e interpretando o teu sentir e a tua vontade soberana, unica a que me curvarei, e a quem ninguem poderá desobedecer sem passar por cima de mim.*

Nenhum odio, nenhuma inimisidade pessoal, nenhum sentimento rancoroso encontra éco no meu coração, só tenho a aspiração veemente de conciliar todos os nossos interesses legitimos. Poderei errar, mas apenas me demonstrem o erro estou pronto a emenda-lo sem ressentimentos nem vaidades, sem teimosias ininteligentes, sem intransigencias tiranisantes.

Todo o povo portuguez pode contar em mim um amigo, pronto a defender a sua justiça, ainda que seja o meu maior inimigo.

Nenhumas perseguições fiz, tomei somente as medidas indispensaveis para assegurar a ordem publica que á minha guarda estava confiada.

Povo Portuguez! Ao assumir o exercicio da Suprema Magistratura da Nação as minhas primeiras saudações vão para as forças de terra e mar que heroicamente se bateram ao lado dos nossos aliados contra o

inimigo comum pela causa da Liberdade, do Direito e da Independencia das Povos.

Essas forças são a tua emanção, são o teu sangue. Saudando-as abraço-te a ti, a todo o Povo Potuguez, no teu grande desejo de Justiça tão ardentemente manifestado na expontaneidade com que abraçaste a causa dos aliados.

Uma nova era de Liberdade, de Tolerancia, de Respeito pelas crenças religiosas e pelas convicções politicas, surgiu. *E' só n'uma tal atmosfera que a nação poderá prosperar. Ela precisa duma base estavel que não poderia encontrar-se senão na união espiritual de muitas almas. Essa união é hoje um facto e a força de atracções d'ela emanada alargará o seu ambito e intensificará a sua potencia. Um grande ideal nacional popularisa este movimento.*

A Revolução de 5 de Dezembro triunfou!

O resurgimento da nossa Patria é mais do que uma esperança, é uma consoladora certesa.

Portuguezes! Conservai-vos unidos. Aqui vos afirmo solenemente pela minha honra que defenderei até á minha ultima gota de sangue a sagrada causa da Patria e da Republica que é tambem a causa do Povo Portuguez.

Viva a Patria! Viva a Republica Nova!"

S. Ex.^a o Snr. Dr. Sidonio Paes após ter proferido o anterior discurso dirige-se á varanda da Camara Municipal onde, entre delirantes aclamações do povo que estacionava na Praça do Pelourinho, diz:

"Povo de Lisboa! Tu és o digno representante de Portugal e a ti está confiada a guarda sagrada da Patria e da Republica.

Viva a Patria! Viva a Republica Nova! Vivam os aliados!"

14 de Maio de 1918

Discurso pronunciado no Rocio depois de assistir á tourada de gala no Campo Pequeno após a sua proclamação:

"Todas as classes sociais se encontram unidas desde o nobre ao mais plebeu, pulsando todos no mesmo sentimento patrio, por terem reconhecido que era necessario salvar a nação.

Como Chefe do Estado entendo que sou chefe de todos os portuguezes e que, como fui eleito pelo Povo, que pelo Povo e para o Povo devo viver. É de resto entre o Povo que me sinto bem. Per ele me sacrificarei e darei o meu sangue e a minha vida. Jurei solenemente pela minha honra, zelar pela felicidade do Povo e da Nação. Foi essa portanto a obrigação moral em que me collocaram tantos braços e tantas manifestações ardentes que tomo como indicação e como aplauso á obra da Revolução de 5 de Dezembro. Serei sempre em todas as circunstancias o mandatario da Nação."

25 de Maio de 1918

Entrevista com um redactor do jornal "A Situação" acerca da libertação dos presos da cadeia do Porto:

"Acusam-me uns, sobretudo, de me haver imposto á lei, abrindo as portas do carcere a alguns individuos presos como conspiradores, e outros de ser espectacularo quando pratiquei um tal acto. Aos primeiros, se eu achasse que valeria a pena defender-me dos seus ataques, eu lembraria que estamos numa Republica

Presidencialista, aceite pelo Povo Portuguez e em que o parlamento não funciona por enquanto, que estamos n'um periodo que é ainda de ditadura.

Dizem que para o acto da amnistia se tornava necessario a aquiescencia do Secretario de Estado do Interior. Ora ninguem ignorava que o Secretario de Estado do Interior me acompanhou na minha viagem ao Norte. Concordou comigo e nem outra poderia ser a sua attitude, porque viu, como eu vi, as scenas desenroladas no Aljube e no Paço Episcopal. Mas que não concordasse; eu como Chefe do Estado, n'uma Republica Presidencialista, tinha ainda a faculdade de demittir immediatamente o Secretario do Interior e nomear outro que concordasse com o meu ponto de vista.

De resto, os presos em questão não estavam cumprindo sentença judicial, nem mesmo para o poder judicial tinham ainda transitado.

Estavam, sim, em prisão preventiva e essa talvez ilegalmente mantida pois se achavam abrangidos pela amnistia.

Quanto ao outro ponto da accusação (diz comovido), accusam-me de ter sido teatral, evocam-se mesmo velhas realezas espalhafatosas para me nivelarem a elas. E no entanto eu nunca procurei teatralidade para os meus actos. Procedo segundo as circumstancias e sinto a gloria do meu procedimento, se a consciencia me diz que em tal conjectura a minha forma de acionar foi a mais propria. *Evidentemente que tenho o aplauso do paiz, então a minha satisfação é completa porque é a minha consciencia, interpretando milhões de consciencias.*

O que eu vi no Porto é horrivel! O que eu vi no Porto não se descreve. É um espectáculo que nunca se me apagará da memória.

Que me deixei levar por impulsos emotivôs—diz-se—e que um Chefe de Estado deve fazer calar o coração, porque ha alguma coisa mais que a bondade, é a

Justiça. Sim, o Chefe do Estado tem de ser acima de tudo:—a lei. Mas também não o fazemos rigidamente:—a estatua. *A bondade é também por vezes uma forma de Justiça e para se fazer Justiça, pode ser necessário perdoar.*

O que se passou no Porto com os presos políticos necessitava de um exemplo retumbante. Era preciso gritar bem alto que hoje não se agride um preso.

Era necessário, era nobre, era digno bradar aos agentes da autoridade com tendência para exorbitarem das suas atribuições que o homem conquistou o direito de não ser açoitado quando um delito o leva á prisão! E foi esse brado que eu quiz soltar de modo a que todo Portugal o ouvisse! A solução que eu achei que devia dar-se ao conflito visava principalmente a resultados morais. Era um exemplo e uma lição.

"A Manhã" e sobretudo "A Capital" (diz S. Ex.^o) puseram a questão nos seus verdadeiros termos. Ali estão postos o caso moral e o caso juridico. Ora nem um nem outro d'esses jornais teem entendimentos com o presidente, nem com o governo, de cujos actos, por sinal, algumas vezes teem discordado.

Dos que atacam o meu acto, muitos, quasi todos, o farão por medo. É o Pavor do que possa succeder, sem um regimen de severidade repressiva, que seja como que um dique a uma receada torrente de conspiração.

Eu nada receio; eu, que seria o principal alvo das arremetidas revolucionarias.

Da mesma forma porque, para dar uma grande lição a agentes de autoridade prevaricadores, levei esses homens aos empurrões para a liberdade, assim os levarei amanhã para a cadeia, se uma tentativa criminosa puzer em perigo a Ordem publica.

Que ninguem duvide disto!

A tarefa que se impoz a Revolução de Dezembro

não ficará em meio. Para a executar empenharei a minha vida e muito poderá quem tiver forças para me torcer caminho, enquanto eu tiver comigo a opinião do paiz. E o paiz que compreende muito bem o meu gesto de dar liberdade a dois homens que tinham sido agredidos na prisão, não deixará amanhã de me apoiar com igual entusiasmo se eu tiver de os meter na prisão novamente”.

31 de Maio de 1918

Visita ao Quartel da G. N. R. do Carmo.

Discurso preferido no Gabinete do Comando Geral exprimindo toda a sua satisfação pelo que acabava de ver:

“E’ necessario que as praças tenham a sua vida em ordem para que a disciplina seja um facto, visto que é n’um exercito disciplinado que assentam as bases de uma sociedade que quer viver para o trabalho em boa paz e com ordem.

Como medidas tendentes a melhorar a situação das praças vão ser concedidos um subsidio de \$20 para as de Lisboa e Porto e \$10 para as da provincia, e um abono para rancho de \$10,5 para as da provincia á semelhança do que já se havia praticado para com as de Lisboa.”

7 de Junho de 1918

Discurso proferido no dia do lançamento ao mar da canhoneira "Quanza" no Arsenal de Marinha:

"Declaro-me satisfeitissimo não só por este feito mas ainda porque ele representa mais um grande passo para o engrandecimento da Armada Portuguesa.

Creio que Ela será dentro em breve uma grande marinha, como o é já pelos seus feitos heroicos e creio que os marinheiros de Portugal continuarão como sempre ao lado do exercito de terra a defender e a honrar a Patria e a Republica.

Concordei com o projecto da transferencia do Arsenal para a outra margem do Tejo; vou sanciona-lo com a minha assinatura, para que assim a marinha portugueza possa no futuro ter as maximas prosperidades."

11 de Junho de 1918.

Na inauguração duma sopa da Assistencia 5 de Dezembro em Campo de Ourique:

"É enorme a minha satisfação pelos resultados da Obra da Assistencia 5 de Dezembro com cuja data gloriosa quiz perpetuar a nova fase em que entra a nossa nacionalidade. *A revolução de 5 de Dezembro é um passo no engrandecimento da Patria, mas para que esse engrandecimento seja completo é necessario a cooperação de todas as dedicações para o cumprimento da alta função revolucionaria de 5 de Dezembro. Por isso peço a todo o povo portuguez que me auxilie na minha patriótica acção para o ressurgimento e progresso da nossa querida Patria!*"

20 de Junho de 1918.

Discurso pronunciado na Camara Municipal de Elvas por ocasião da sua visita a esta cidade na abertura da Exposição Pecuaria:

“As manifestações de que acabo de ser alvo, tomo-as como sendo dirigidas á Republica que eu aqui represento. O povo de Elvas quer assim dizer que está ao lado da revolução de 5 de Dezembro pela forma como o governo tem intpretado o programa da Revolução.

As revoluções representam sempre o esforço duma minoria mas quando triunfam e caminham é porque estão no espirito do Povo.

Sei bem que o povo de Elvas não quer voltar aos antigos processos, antes deseja progredir continuando assim as tradições da Praça de Elvas.”

Discurso do Presidente Sidonio Paes no recinto da Exposição respondendo aos que lhe tinham dado as boas vindas:

“Desejaria que os problemas que interessam o futuro da nossa nacionalidade fossem ventilados amplamente de forma a elucidar o governo sobre o melhor caminho a seguir para o Salvamento da Patria, porém, terminante, assevero que esse futuro deve e ha-de assentar na Agricultura. Aqui vim para o afirmar, e não para colher aplausos, e ainda para me pôr em contacto com o Povo Portuguez que tanto desejo conhecer de perto. *Estimo ver aqui o amor á terra, unico que pode estimular o amor da Patria.* O povo alemte-jano é de boas qualidades e raras vontades e por isso

sei que os seus carinhos saíram do seu coração, não abrigando falsidades.

O Alemtejo é em geral frio e ponderado e, é justamente da maxima ponderação que se precisa *O Alemtejo tem a grande qualidade de amar entranhadamente a sua terra, sentimento que é preciso fortalecer para se conseguir a unidade da Patria.*

Quero um Portugal grande, mas integro, uno e purificado; e encontrando no Alemtejo o amor natal encontro o amor patriotico. O povo portuguez tem um pessimo vicio, a politica, embora seja acima de tudo portuguez.

Por isso mesmo as nossas coisas raro se concluem, porque em terra de politicos demais, ha muito quem fale mas as obras são poucas, faz-se quasi nada e devagar.

Apelo para a boa vontade de todos os portuguezes no sentido da reconstituição de Portugal. Todos devem pôr de parte a questão politica.

A revolução não se fez para manter interesses particulares.

É certo que o resultado do meu acto poderia ter trazido a monarquia, mas era a republica que eu queria. Desenganem-se, pois, os monarquicos e tambem os que pedem medidas de excepção disfarçadas; *che-gou o momento de todos os portuguezes se decidirem pelo que pratiquei.*

Podia ter exigido dos meus colaboradores o ingresso n'um partido; não o fiz, mas tambem já acho tempo de se pôr de lado as facções.

Não sirvo apenas para ser o guarda temporario do paiz, mas sê-lo-hei por tempo ilimitado, como presidente enquanto o parlamento o marear e como portuguez até á morte.

Não tenho odio a ninguem, mas quem quizer sair para a rua a fim de atacar a propriedade ou as insti-

tuições será inexoravelmente corrido a tiro. Tivessem-me feito o mesmo a mim quando me atirei para a luta.

Para acabar com a demagogia fometei a revolta, mas nada de esperanças.

Detesto as intenções dubias e equivocas. O equivoco monarchico findou tambem.

Sou republicano como a revolução de 5 de Dezembro foi republicana. Defenderei portanto a Republica com toda a energia contra quem fôr.

Amo a liberdade bem entendida e não a liberdade como a entendem certas pessoas."

24 de Junho de 1918.

Na inauguração da Sopa da Assistencia 5 de Dezembro no Beato:

"Não quero proferir muitas palavras estimando sómente que a Obra da Assistencia de 5 de Dezembro tivesse dado mais um passo; com isso me congratulo e não quero deixar de felicitar a Comissão e a Junta da Freguezia do Beato que com tão boa vontade deram a sua colaboração. Esta Obra já hoje destribue perto de 6.000 sopas diárias e empenho-me porque ela venha a ser uma Grande Obra, para o que hei-de fazer todos os esforços que estiverem ao meu alcance, pois que o farei *para bem do povo portuguez, no meio do qual, para me sentir feliz, necessito saber que ninguém morre de fome.*

A Assistencia Publica é hoje uma das funções mais nobres e que corresponde a um dos mais imperiosos deveres dos poderes publicos; mas, só àqueles que não podem obter os meios necessários ao seu sustento, ela

deve valer. Para isto chamo a atenção dos que nela colaboram. Nunca se pode dar assistencia senão àqueles que dela necessitam. Esse ponto é dos mais importantes. É preciso que a relação das pessoas que a assistencia protege seja feita com o maximo rigor pois que *os que podem trabalhar teem não só o dever moral de o fazer, mas tambem o de repartir um pouco com aqueles que não podem pelo trabalho obter os meios de sustento. Toda a obra de assistencia que não assente nesta base é falsa e está conaenada a naufragar.*

Finalmente, só me resta pôr em relevo o trabalho que tem tido o Snr. Capitão Bernardino Ferreira e a Comissão Central e não me arrependo, antes pelo contrario, de ter escolhido os novos, aqueles que estiveram comigo no Parque Eduardo VII, para dela fazerem parte, porque sabia que eles tendo ali arriscado a vida por uma causa justa, saberiam ter a tenacidade para bem levar a cabo uma obra da envergadura desta."

Na inauguração da Sopa da assistencia 5 de Dezembro em Sacavem no mesmo dia, após ter vindo do Beato :

"Ainda não há poucos momentos, no Beato, onde já fui inaugurar uma outra sopa eu disse que o Chefe do Estado deve empregar poucas palavras e estas precisas e claras para que se não possam levantar confusões. Não quero porem deixar de agradecer a maneira como fui recebido; não quero deixar de felicitar os operarios que teem um patrão como o Sr. Gilman que tão bem sabe compreender os seus deveres, procurando fazer todo o possivel para lhes melhorar a existencia.

E principalmente no meio do povo que eu me sinto

bem. E' n'ele que eu busco a inspiração para as minhas acções, visto que, se a minha intelligencia pode errar, ele é que nunca se engana e, na maneira como por ele sou recebido, encontro a aprovação ou desaprovação dos actos que pratico. É meu dever velar pelo povo, e posso-vos garantir que, como Chefe do Estado e representante dos mais altos poderes publicos, enquanto eu ocupar este logar, não serão descuradas as vossas necessidades. Falou-se aqui ha pouco na necessidade de criar uma creche para vossos filhos; pois bem, sinto prazer em poder-vos dizer que desde hoje tomarei a vossa creche sobre a minha protecção.

Falou-se tambem na necessidade de um bairro operario; eu posso assegurar-vos que dentro de poucos dias se iniciará a sua construção.

Mas, muitas palavras são desnecessárias, de Obras, de Obras é que se precisa".

22 de Junho de 1918.

Mensagem de S. Ex.^a o Snr. Dr. Sidonio Paes lida no acto da abertura do Parlamento da Republica.

Senhores Deputados e Senadores:

Eleito e proclamado o Presidente da Republica e constituido o Congresso, entra o paiz em plena normalidade constitucional.

A Constituição Politica da Republica Portugueza, com as alterações decretadas durante a ditadura revolucionaria, regula até que o Congresso faça a sua revisão, as funções dos 3 poderes do Estado: legislativo, executivo e judicial independentes e harmonicos entre si.

Chefe da Revolução de 5 de Dezembro sinto vivo prazer em ter podido conduzir o paiz com a colaboração de todos os que tomaram parte no movimento revolucionario e o apoiaram após oito meses de dificuldades inumeras e de aspera lucta de todos os dias contra a demagogia, tendo sempre assegurado a ordem e o respeito pelas liberdades publicas e pelos direitos individuais, a uma situação perfeitamente normalisada, em que a soberania nacional se exerce por intermedio dos seus legitimos orgãos.

Foi para o povo que se fez a revolução de 5 de Dezembro, segundo as nobres aspirações dos que a levaram a efeito.

Foi com os olhos sempre fitos no povo que governei durante o período ditatorial.

É para o povo que desejo de todo o coração que se continue a governar de hora avante.

É tão grosseiro o erro que se comete supondo a Revolução de 5 de Dezembro reacionaria como supondo-a demagogica.

Nunca uma verdadeira revolução, e foi-o aquella, que o povo portuguez na sua quasi unanimidade consagrou, pode deixar de ser guiada por uma ideia de progresso.

Pela parte que me toca, só quem desconhece o meu passado e ignora a persistencia do meu character, pode apodar-me de reacionario. Tão pouco poderia associar-me a uma obra improgressiva.

Fui sempre e sou republicano; por isso procurei manter e consolidar a Republica.

Atravessava-se, na época em que começou a organização revolucionaria, um período crítico em que os desmandos e a corrupção do poder perturbavam as consciencias.

Em cada peito se gerava um fundo resseentimento de revolta. *Era mistér canalisar essas forças desorien-*

tadas, para evitar a anarquia evidente. Ou se fazia a coordenação d'essas energias dispersas ou viria o cáhos. Não só a patria estava em perigo. Se elementos republicanos não encarnassem em si as aspirações do paiz a revolução poderia vir a apresentar a forma d'uma restauração monarquica. Era mistér actuar rapidamente.

Quiz interessar um partido inteiro n'esse movimento. Se o não consegui, foi possível apesar d'isso garantir o character republicano da revolução. Haverá quem pense que a revolução visara a introduzir no estatuto fundamental o principio da dissolução.

Quem poderia congregiar as dedicações, até ao máximo sacrificio, que a organização do movimento encontrou, se ideais mais altos e mais amplos não inflamassem a alma dos revolucionarios?

Não é para a simples modificação de um artigo da Constituição, por mais importante que possa ser a sua influencia, nem mesmo para a execução dum programa delimitado de reformas politicas que uma Revolução se põe em marcha.

De muitos males enfermava a sociedade portugueza.

Raça de herois, com altissimas qualidades, que através da sua historia tanta vez se tem afirmado, em todos os ramos da actividade humana, e que, durante mais de meio seculo, chegou a ser um dos mias intensos fócios de civilização, *não sou optimista, crêndo firmemente, como continuo a crêr, que esses males são curaveis e que proveem principalmente da educação.*

A Revolução propunha-se combater os erros e os processos viciosos que minavam os regimens anteriores e os conduziu á sua queda.

A chama que ardia nos corações dos revolucionarios elevava-se até aos Céus, numa inspiração de Justiça, de Verdade e de Beleza, que os inspirava, vaga talvez na forma da realidade, mas firme

e definida na intenção mais pura de salvar a Patria e de buscar a felicidade do Povo. Foi para esses elevados fins que o governo conduziu sempre a sua politica interna e internacional.

A obra Ditatorial vae ser submetida ao vosso esclarecido criterio. É vastissima e desisto, por isso, de a expôr aqui. As suas imperfeições teem alguma desculpa na canceira do governo para manter e assegurar a ordem publica. Vós a julgareis na mais completa liberdade, e, tenho a certeza, com perfeita imparcialidade.

Alguns esclarecimentos só quero dar-vos, sobre a politica de relações. Por dois inflexiveis principios guiamos a nossa politica interna desde a primeira hora da revolução de Dezembro: a nossa dignidade de povo livre, e a perfeita lealdade para com os nossos amigos e aliados.

A nossa lealdade corresponderam em breves afirmações de amizade que os factos, dia a dia, traduziam na pratica.

Ao nosso respeito pelas normas invariaveis em materia de reconhecimento internacional corresponderam, logo após a sanção legal do paiz, o reconhecimento do Chefe do Estado pelas potencias estrangeiras.

Ao valor dos nossos soldados, á sinceridade da nossa cooperação e a nossa fidelidade aos laços contraidos tem correspondido, invariavelmente, a secular aliada, com repetidos testemunhos de apreço, que ela sabe sempre tributar ás nossas qualidades e que tão publicamente patenteou, pela elevação da sua representação diplomatica em Portugal. Com a Inglaterra tratamos em confiada e franca harmonia os nossos mais vitais interesses mais do que nunca ligados aos seus tanto nas colonias como na Europa. Com ela estudamos, neste momento, no campo diplomatico e tambem entre os tecnicos, a resolução de um problema que tanto interessa ás necessidades militares, co-

mo ao nosso sentimento ; a substituição, tão justa quanto merecida, dos bravos soldados que já ha longo tempo honram em territorio estrangeiro o nome portuguez.

As necessidades mais instantes da guerra, as dificuldades do momento presente, teem obstado a que a substituição tenha podido fazer-se em larga escala mas confio que dentro em breve poderemos realizar esse desejo que é uma aspiração nacional.

Mantemos com todos os nossos aliados a nossa cordealidade de relações; de todos eles tenho recebido provas de amizade pela nossa patria; da Belgica martyr, como da heroica França, da nobre e bela Italia, como dos Estados-Unidos, exemplo grandioso de poder e elevação aos altos ideais

Com os neutros não teem nas nossas relações surgido dificuldades, e da Hespanha, a nossa irmã peninsular, recebemos a cada instante novas demonstrações da sua amizade.

Devo ainda dizer-vos que estão definitivamente restabelecidas as relações diplomaticas entre Portugal e a Santa Sé, justa aspiração das consciencias catholicas, e facto que por demais recebeu a sanção da opinião para ser necessario exaltar'o n'este momento.

Snrs. Deputados e Senadores :

Pela minha parte posso assegurar-vos que outro desejo não tenho de que ver manter-se a harmonia que deve existir entre os diversos poderes do Estado. Por isso aqui venho, Snrs Deputados e Senadores, retribuir-vos do fundo do meu coração as saudações que me fizeste.

Elas são as manifestações do vosso empenho de colaborar lealmente com o poder executivo na tarefa grandiosa do resurgimento da nossa Patria. Seja-me

prometido ao pronunciar este nome querido, ajoelhar em espirito, com o respeito e a admiração que se deve ter pelos herois, perante as campas dos nossos soldados mortos em campanha, na lucta pela defesã da liberdade e da independencia dos povos ao lado dos nossos aliados.

O primeiro Congresso saído da Revolução não achará também estranho que eu evoque neste momento na mais compungida e saudosa comemoração a memoria dos queridos companheiros de armas que viram o poente derradeiro nos dias da Revolução combatendo heroicamente pelos seus nobres ideais.

Curvo-me também respeitosaente, perante a sepultura dos que, embora adversarios, morreram no cumprimento do que se lhes afigurava um dever.

Não posso esquecer aqueles que alheados da contenda, por impossibilidade ou por incompreensão, tombaram pela fatalidade do tofão revolucionario.

Eguais todos perante o tumulto, são vidas que, ou foram, ou poderiam ser uteis á patria e á Humanidade.

Tenho a certeza que é com vivo prazer que vos associareis á saudação veemente que em nome do todo o povo portuguez dirijo ao Exercito e á Marinha portugueza que heroicamente se tem batido e continuará a bater-se em terras de França e nas nossas colonias pela causa sagrada da Patria e da Humanidade.

Snrs. Deputados e Senadores:

A melhor recompensa que poderemos dar a esses bravos, enquanto nos não cabe a honra de irmos verter como eles o nosso sangue pela Patria, será o dedicarmos todos os nossos esforços e votarmos a nosssa vida à causa da felicidade do povo portuguez de quem eles são nobres representantes na formidavel lucta mundial.

Está aberta a sessão».

29 de Julho de 1918.

Na inauguração duma Cosinha da Assistencia 5 de Dezembro em Algés :

«Desvanece-se por completo a impressão de que Algés não concordava com a minha politica, visto a maneira carinhosa como fui recebido.

O que succedeu em Algés, tem succedido com todo o paiz, o que me traz a certeza de que todo o paiz está ao lado dos homens que fizeram a revolução de 5 de Dezembro. Se porem ha ainda indiferentes não duvido de que em breve eles se collocarão ao lado do Governo.

Um governo, por si só, ainda mesmo que esteja animado da melhor vontade de satisfazer as necessidades da Nação, nada conseguirá se lhe faltar o apoio de todos os cidadãos honestos e por isso convido-os a cooperar com o governo na obra grandiosa de criação de uma nova Patria. O governo é do povo e para o povo.

E' por isso que os revolucionarios de 5 de Dezembro não querem a força que provem dos partidos organisados com clientelas. Foi devido a esta organização que tem caido muitos partidos politicos, entre os quais se pode incluir as duas maiores agremiações politicas, o partido de Fontes Pereira de Melo, e o Partido Democratico.

Os partidos do governo são aqueles cuja missão entendo ser a de orientar os governantes, no sentido de engrandecerem o paiz e não de os levar a melhorar a situação dos seus partidarios pois que a escolha de qualquer lugar deve ser feita no sentido de ser nomeado o mais competente e não mais o apadrinhado.

Ao contrario do que muita gente julga o Partido Nacional Republicano não é actualmente o unico partido do governo.

É certo que o Partido Nacional Republicano acompanha o governo na sua politica altamente nacional e patriótica. Mas o governo não se apoia n'ele como não se apoia n'outro qualquer pois não dispensa dedicações e apoios de gente de bem e sente que tem de procurar o verdadeiro apoio no sentir e na opinião quasi unanime do povo portuguez.

Ninguem precisa de se exilar ou de se revoltar pois todos teem o dever de estar ao lado da situação creada pelo movimento de 5 de Dezembro que se baseia no culto pela Justiça, pela Ordem, pelo Trabalho e pela obediencia á lei, pois considero a lei igual para todos, sejam amigos, sejam adversarios.

As senhoras portuguesas eu peço a sua colaboração na Obra da Asistencia de 5 de Dezembro e incito-as a promover, a educação perfeita tanto moral como civica, dos seus filhos, para que eles amanhã saibam fazer uma Patria Nova".

4 de Agosto de 1918.

Na inauguração da Sopa 5 de Dezembro em Cintra :

"É a primeira vez que falo ao povo de Cintra, a quem estou imensamente grato pela manifestação imponente com que me recebeu. Vejo com prazer que me cercam de uma atmosfera de simpatia e carinho. Vivo n'um meio perfeitamente familiar, vendo em cada rosto uma expressão de amisade sincera. Para mim essa simpatia representa um encorajamento para vencer as multiplices dificuldades que me cercam. *Ha-de ser esta decisão que transparece no aplauso do povo*

portuguez, que me ha-de guiar e me levará á salvação e redenção da Patria.

O papel dos homens não é o de se combaterem uns aos outros, mas o de se auxiliarem mutuamente. As sociedades tais como estão organisadas são imperfeitas, mas domar as forças naturais é coisa impossivel porque só de acordo com as leis da natureza se pode conseguir o avanço social, colocando acima de tudo o interesse da comunidade.

A organização basica é a familia e acima dela existe a da Patria.

Mas, a mais alta, é a da Humanidade, pelo qual temos obrigação de nos ajudarmos uns aos outros.

Se o povo tem deveres, se a solidariedade se deve propagandear, tambem os governos tem o dever de auxiliar o povo, para assim estabelecer direitos e deveres reciprocos.

Sem autoridade é impossivel uma organização social perfeita. Essa autoridade é a base da ordem. Mas a ordem tem origem no cumprimento das leis. Portanto um povo que se submete á lei, deseja ordem, sem o qual não ha trabalho util e, portanto, "vida propria".

Creou-se a Assistencia 5 de Dezembro em moldes novos, livres das peias burocraticas, e para ela tenho concorrido com o meu melhor esforço, esperando que ela seja, dentro em breve, a maior obra de Assistencia Portugueza.

Frizo contudo que essa obra tem de ser altamente moralisadora e isso só se consegue fazendo uma selecção dos assistidos.

Só os que não podem trabalhar devem receber o auxilio da Assistencia. De contrario recair-se-ia n'uma imoralidade; porque todo o cidadão tem obrigação de ser util pelo trabalho.

Por isso, não me canso de recomendar o maximo

cuidado na organização metódica d'esta obra. Acabemos com a mendicidade.

Pedir, não é digno; mas também não ha direito de se deixar morrer alguém de fome.

E' justo que os ricos repartam um pouco do seu superfluo com os necessitados, mas deve-se escolher bem os que precisam, porque, repito, toda a gente tem a obrigação moral de trabalhar.

As senhoras residentes em Cintra e ás que actualmente veraneiam n'esta linda vila, rogo-lhes para que me ajudem na Obra da Assisténcia de 5 de Dezembro.

A proposito, comunico-vos que pensando organizar uma festa no Parque da Pena a favor dos pobres, espero a cooperação d'essas senhoras porque desejo que essa festa se realice antes de eu sair de Cintra.

Mais uma vez agradeço aos presentes a amabilidade com que fui recebido e mais uma vez também afirmo que a politica do governo é apenas esta: "procurar a felicidade do povo portuguez, considerando como Povo Portuguez todos os portuguezes."

A politica do povo tem de ser guiada pela razão mas aquella que não escutar também a palpação dos corações não pode conduzir á felicidade. Foi por isso que ao chefiar a Revolução de 5 de Dezembro e ao cumprir o meu mandato procurei sempre aliar aos principios da logica pura, que não devem ser esquecidos, os sentimentos superiores que só o coração sabe inspirar."

5 de Agosto de 1918

Na inauguração da "Sopa de Santa Marta" da Assisténcia 5 de Dezembro:

"Agradeço as atenções com que me rodearam á chegada. A sopa dos pobres, foi uma obra tão huma-

nitaria e tão altamente patriótica que não ha forma de a poder concretisar, e a sua grandeza deve-se aos que estiveram pela causa do 5 de Dezembro no Parque Eduardo VII não só em corpo como em espirito. É com a boa vontade de todos que me tenho encontrado envolvido na grandiosa obra feita em prol da pobresa.

O povo na sua linguagem tão pura diz : a União faz a Força ; portanto eu entendo que o povo portuguez estando unido, é tão grande como os maiores povos do mundo.

O povo portuguez conforme a historia já o provou foi grande e ha-de voltar a sê-lo, isto não obstante attraversarmos, actualmente uma gravissima crise, a qual se não se lhe tivesse acudido a tempo decerto o faria naufragar.

E foi por se ter previsto este desastre que se fez o movimento revolucionario de 5 de Dezembro. Foi assim que se mudou a forma do governo, e se juntou o povo para se fazer uma obra grande á altura dos seus creditos.

Não se pretende fazer um governo melhor dos que os outros, pretendeu-se chamar á União todos os portuguezes e fazer levantar a Patria.»

5 de Agosto de de 1918.

Na cerimonia do lançamento da primeira pedra para a Creche de Sacavem :

“Vejo que as qualidades do povo portuguez não mudaram, ainda podemos contar com ele quando ha uma ideia grande a aplaudir.

O povo portuguez encontra-se então sempre dis-

posto para auxiliar as boas obras como o é a Assistencia
5 de Dezembro.

A Revolução foi obra de duas duzias de pessoas, mas presentemente tem por seu lado todos os portuguezes.

Quando a mesma corrente atrai o povo, quando a mesma vontade o reúne em torno de uma ideia nobre, o povo mesmo que seja de uma nação pequena é sempre grande.

É porem necessario que entre si não alimente luctas e se respeite.

O povo portuguez sabe destinguir o que é bom do que é mau, o que é ouro falso do que é ouro de lei, o que é verdade do que é mentira.

Assim podemos afirmar que quando o nosso povo vibra em comum é porque aplaude um sentimento bom.

E' este o criterio a seguir. Quando está contra mim é porque ando mal!

Um só homem porem vale pouco, mas todas as vontades reunidas valem muito. É preciso para isso um espirito de tolerancia muito firme e que haja respeito pela autoridade.

É n'estes principios que uma sociedade bem organizada se deve fundamentar para que os respetivos componentes, tendo a noção clara dos seus deveres, possam então exigir os seus direitos. O direito está sempre ligado ao dever. Quem não cumpre com os seus deveres não pode orgulhosamente fazer valer os seus direitos.

Vejo a satisfação de todos que me ouvem. É que todos estão aqui para praticar um acto bom.

Por isso, felicito-me por ver que todos estão unidos para um acto bom, o levantamento de Portugal.

A obra da Assistencia se fôr bem compreendida, não ficará pertencendo ao 5 de Dezembro mas sim ao Povo Portuguez.

Assim a Creche para a qual se vai lançar a primeira

pedra não ficara sendo Obra da Assistencia 5 de Dezembro mas sim de todo o povo de Sacavem.»

12 de Agosto de 1918

Discurso pronunciado na cerimonia da inauguração da "Sopa das Mercês", obra da Assistencia 5 de Dezembro :

"Estou imensamente satisfeito por mais uma vez me encontrar junto do povo, pois é no seio d'ele que sempre procuro a confiança para a realização da obra patriótica que a Revolução de Dezembro ditou.

Acho mesmo que o Chefe do Estado deve procurar entre o povo as indicações precisas para saber se os seus actos são bem ou mal acolhidos, indagando ao mesmo tempo das necessidades imperiosas que é preciso satisfazer. Assim, os aplausos que me são dispensados significam-me que o caminho seguido é o verdadeiro, o mais consentaneo com os interesses do paiz.

Os governos não podem exercer eficazmente a sua acção no meio de apuros.

Ha 8 mezes que se vem realisando uma obra nacional sendo preciso que aos governos se faça inteira justiça, de cujas intenções ninguem deve duvidar.

Mas não é nesse curto espaço que se pode transformar o paiz, modificar a sua administração.

É necessario dar tempo ao tempo, ter paciencia para esperar.

Infelizmente ela falta por vezes no nosso paiz e isso o demonstra a opposição obstinada que já se vem fazendo a este ensaio de uma grande Obra tendente a salvar o paiz.

É preciso, portanto, ser benevolente, saber esperar, tendo sempre em conta a nobreza das intenções d'aqueles que trabalham para uma grande obra patriótica.

É isso que espero e continuo a esperar do povo portuguez."

24 de Agosto de 1918

Na cerimonia da inauguração da Cosinha da Assistencia em S. Pedro de Cintra:

"Quando se trata de uma bela obra, de dar apoio a um ideia grande, o povo portuguez encontra-se sempre.

É por isso que eu me sinto bem aqui no meio do povo, a quem agradeço a assistencia a esta festa. As ovações que tenho recebido representam a consagração da revolução de Dezembro; não posso por isso compreender a opposição systematica que se faz ao governo.

Aqui, na assistencia, vejo, entre gente do povo, pessoas de elevada categoria social. A essas me dirijo para que disponham do superfluo a favor da pobresa. A obra da Assistencia 5 de Dezembro era necessaria; assim o compreendeu a sua Comissão Central para quem os elogios são poucos atento á grandesa da sua já brilhante obra".

26 de Agosto de 1918

Na inauguração da Sopa da assistencia 5 de Dezembro em Chelas:

"Agradeço sensibilizado as calorosas manifestações que acabo de receber do povo de Chelas. Essa mani-

festação significa o apoio á obra da Revolução de 5 de Dezembro.

Ha elementos — felizmente em minoria — que pretendem alterar a ordem e criar dificuldades aos que desejam trabalhar.

O governo porem conta com o povo que trabalha a seu lado e está disposto a manter a ordem no paiz, custe o que custar.

O governo não quer perseguir ninguem, só quiere manter a ordem; para isso é necessario que todos os cidadãos respeitem a lei e as autoridades, porque assim a ordem não será alterada, visto que o paiz quer viver com Ordem e Trabalho.

A obra da Assistencia é a obra do 5 de Dezembro, portanto, povo, auxiliai essa obra, contribuí para que ela se engrandeça, que dela deveis colher bons fructos."

Discurso do Dr. Sidonio Paes por ocasião da inauguração de uma nova cosinha da Assistencia 5 de Dezembro na freguezia da Penha de França:

"A obra saída da revolução de 5 de Dezembro só se pode completar com o auxilio de todos. Tenho encontrado boas vontades, mas ha quem pretenda deneigrir a obra do governo, não sabendo dar tempo ao tempo.

E' como se, ao abrir-se uma cova para se fazer uma plantação, se volte a cobril'a com terra antes de estar plantada a arvore. E' como se, a meio de uma construção de um muro, um malvado destroe a parte construida. Assim tem sucedido com essa opposição, esse obstrucionismo de malvadez e de crime.

Eu falo ao povo com palavras simples, não uso retórica, porque só sei falar a linguagem da verdade.

Grandes e pequenos podem contribuir para a obra de ressurgimento nacional, sendo uteis á grande construção do edificio da Patria.

Uma Patria é a terra em que vivemos, somos todos nós. Não sejamos portanto inúteis á Patria.

Eu estive no Parque Eduardo VII combatendo pela causa da Patria. Se for necessario lá voltarei a arriscar a vida pelo bem comum. Todos nós devemos defender a ordem, pois só pela ordem poderemos regressar á grandesa do Portugal de outras eras".

26 de Agosto de 1918.

Na solemne inauguração da Cosinha de S. Paulo. S. Ex.^a agradece comovido as manifestações :

"A manifestação de que fui alvo traduz, apenas, a satisfação do povo pela orientação do governo saído da Revolução de 5 de Dezembro. Quando um governo se apoia exclusivamente na força armada, buscando o apoio nas baionetas, sem buscar o apoio da opinião publica, esse governo não está firme. Pelo contrario, quando ao lado da força publica um governo tem a opinião do paiz, o auxilio das baionetas é eficaz, porque representa o simbolo da ordem.

Com a opinião publica tenho contado sempre e vejo que não me engano, porque o provam as manifestações de que tenho sido alvo.

O actual governo é um governo nacional. Não desprezo o apoio monarchico, porque o julgo patriotico. E o momento não é para se desprezar as dedicações.

Todavia sou e serei sempre republicano e no governo ha republicanos que foram sempre republicanos.

Embora os meus inimigos desvirtuem os altos serviços prestados ao povo pela obra da Assistencia, eles não deixam de ser relevantissimos, podendo dizer que em breve serão inauguradas: escolas, creches, lactarios, assistencia infantil, etc., fazendo-se já a distribuição diaria de 15.000 sopas em Lisboa.

Emquanto tiver ao meu lado a maioria do paiz, proseguirei na minha acção patriotica até ao fim."

2 de Setembro de 1918

Na inauguração da Sopa da Mouraria:

"Sinto-me verdadeiramente comovido por ter em pleno coração da cidade um acolhimento tão bondoso, tão cheio de simpatia e de adesão. Vejo assim mais uma vez que o povo portuguez está de alma e coração com esta obra grandiosa que é o resultado da Revolução de 5 de Dezembro.

Fizeste bem em vir, porque no meio de vós sinto-me seguro, tão seguro como se estivesse guardado pelas mais fieis tropas do exercito e da marinha portugueza.

Ha quem pense que já não ha o mesmo fervor pela continuação da minha Obra. Os que me estão escutando, estes milhares de almas que pulsam como a minha, desmentem essa afirmação.

Vejo com prazer que os laços que me prendem aos portuguezes são cada vez mais fortes. E' preciso que todos trabalhem para o ressurgimento da Patria, todos, porque não pode haver ninguem que seja inutil.

As mesmas intenções das forças que foram ao parque nos dias 5 a 8 de Dezembro, ainda hoje se conservam e conservarão, *porque os que estiveram no Parque Eduardo VII repeliram para todo o sempre a demagogia e os seus processos imorais de governo.*

Ninguém é inútil, disse e repito; quem tiver a compreensão dos seus direitos e dos seus deveres, sabe servir a Patria."

15 de Setembro de 1918

Na solenidade da inauguração da Sopa de Carnide:

"São absolutamente injustas as afirmações que alguns mal intencionados tem feito sobre o pretendido desprezo que eu e o governo temos votado á precaria situação economica das classes pobres e a prova d'essa injustiça está na obra benemerita da Assistencia 5 de Dezembro. Nem por um momento sequer eu e o governo deixámos ainda de pensar no povo e o grande interesse que este me merece revelei-o claramente, na minha viagem presidencial, quando afirmei ser necessario que os governos governem com o povo e para o povo. *Nunca me cançarei de afirmar que a obra da Revolução de 5 de Dezembro precisa do apoio de todas as classes e da coadjuvação de todas as pessoas honestas para frutificar e manter em Portugal o regimem da ordem tão necessaria á sua existencia.*

E crêde firmemente que se todos os portuguezes souberem cumprir os seus deveres o ressurgimento da Patria será um facto."

23 de Setembro de 1918

Discurso do Presidente Sidonio Paes na inauguração da Sopa dos Pobres em Queluz :

"Agradeço a recepção que me acabais de fazer que é sem duvida um aplauso á Revolução de 5 de Dezembro. Mas para que essa obra seja o que deve e ha-de ser torna-se necessario que todo o povo portuguez me auxilie n'essa grande Cruzada de regeneração. Para ela preciso da união de todos os portuguezes porque só assim essa obra poderá caminhar, tornando o paiz grande e esplendoroso.

O momento é erizado de deficuldades mas o governo está agora forte, mais do que nunca, e o paiz pode estar seguro de que eu vélo, não duvidando de, se preciso fór, sacrificar a propria vida para o bem da Patria."

28 de Setembro de 1918

Discurso do Dr. Sidonio Paes em Santa Maria de Penaguião por ocasião da sua viagem ao Norte do Paiz, no combate da epidemia da pneumonica :

"Agradeço comovido as manifestações com que me receberam. Não são elogios que pretendo ouvir, pois que para isso não venho, visto que unicamente procuro o bem do povo portuguez e só para isso aqui estou. Os elogios apenas me podem mostrar que aqueles que os fazem compreendem as minhas intenções e que o meu unico desejo é fazer a felicidade do povo. E' para este unicamente que governo.

Infelizmente não é assim que se tem feito e por assim se não fazer é que falharam os ultimos tempos da primeira republica. E' necessario que não falhe a segunda; que aqueles que em 5 de Dezembro deram o seu sangue para modificar a forma das instituições em Portugal vejam agora os seus altos ideais realizados.

Antigamente os politicos pediam o voto ao povo e este inconscientemente votava sem saber porquê nem em quem. Não é isso que eu quero.

Unicamente desejo ter o voto do povo se este entender que eu o mereço. Ha uma pequena minoria, porem, que o não quiere entender assim e, nesta hora em que só se deve pensar na maneira de nos salvarmos da medonha crise que atravessamos, uns empunhando a enxada, outros a pena e ainda outros pensando, essa pequena minoria tenta pôr entaves á marcha do governo e pensar em revoluções. *Mas essa pequena minoria, se pensa que tem a força armada que a historia indica ser necessaria para fazer triunfar as revoluções está completamente enganada, porque a historia demonstra tambem que, para que essas revoluções triunfem, é necessario que tenham por seu lado a maioria do povo.*

Foi o que aconteceu com a Revolução de 5 de Dezembro pois que, se apenas uma duzia de homens estiveram no Parque Eduardo VII, eles sentiam-se fortes porque sabiam que atraz de si tinham o povo, que de alma e coração estava com eles.

A importancia que até hoje se tem ligado ao povo é nula, ou quasi nula, eu tenho o desejo de que tudo isto se modifique; esta é que entendo que é a verdadeira politica.

A importancia que até hoje se tem ligado ás juntas de freguezia é nula, ou quasi nula, é necessario que tal deixe de acontecer e que em cada freguezia as pessoas capazes façam parte da junta, afim de bem cuida-

rem dos interesses daqueles que os rodeiam e que constituem a sua freguezia.

No dia em que isto succeder e que as juntas, trabalhando para os seus paroquianos, se não esqueçam da unidade que ao mesmo tempo necessita existir entre todas elas por meio de camaras, ter-se-ha modificado essa engrenagem que tão mal tem andado, e a situação do povo portuguez será certamente mais desafogada.

E' esta a obra que quero fazer porque só o bem do povo portuguez quero e para ele unicamente vivo."

2 de Novembro de 1918

Discurso pronunciado na inauguração da Sopa da Assistencia 5 de Dezembro na freguezia de Santa Engracia :

"As manifestações que me são dirigidas enchem-me de alegria porque representam mais um aplauso do povo portuguez á Obra da Assistencia 5 de Dezembro.

A Assistencia pretende actuar pelo desenvolvimento da educação e da instrução, bases necessarias á edificação das sociedades modernas, pela criação de creches e pela divulgação dos principios de hygiene.

Os intentos dos revolucionarios de 5 de Dezembro tem sido maisinados por uma minoria de portuguezes, o que não devia ser, porque essa revolução teve por fim acabar com todas as demagogias e levantar o nivel moral do nosso bom povo portuguez. A sopa aqui distribuida não é uma esmola porque o Estado tem obrigação de conservar a vida de todos, não sustentando ociosos, mas velando por aqueles que devido á sua má sorte não tem bens para conservar a vida."

11 de Novembro de 1918

No Quartel dos Paulistas, inauguração da Sopa dos Aliados:

“Mais uma vez me convenço perante a carinhosa manifestação de que acabo de ser alvo de que o povo portuguez está a meu lado. Desde a primeira hora em que tomei sobre os meus hombros a pesada tarefa de governar apenas tenho tido um unico fito a nortear-me: ser util á minha Patria e não desmerecer da confiança que o povo em mim depositou. Se ela me faltasse nem mais um momento estaria no lugar que ocupo.

Todas as missões officiais de que tenho sido encarregado tenho procurado exercer-las com a maior fidelidade, sempre com o pé no estribo porque ao apeiar-me não desejo cair, mas ficar de pé.

Até agora porém, desde que tomei a chefia da Nação, tenho constatado que ela se encontra a meu lado, no proposito de, emfim, conseguir aquele progresso a que tem juz e que só será um facto desde que a ordem e a disciplina sejam completas, *que todos os cidadãos tenham em primeiro logar a rigorosa noção dos seus deveres para afirmarem os seus direitos depois.*

Esse apoio encoraja-me e compensa-me dos sacrificios que tenho feito e venha a fazer.

N'esta hora solemne em que a paz ilumina o mundo com os seus alvôres, e, em que as velhas aspirações humanas, tentadas debalde atravez dos seculos, começam a ter realisação, é grato para o meu coração vêr o espectáculo comovedor de em minha volta se unirem os portuguezes que sinceramente desejam o engrandecimento da Patria, tocados todos por aquele santo entusiasmo que o triunfo do Direito, da Justiça e da Liberdade legitimamente provoca.”

12 de Novembro de 1918

No banquete de gala, celebrando o armistício :

«O dia 12 de Novembro de 1918 marca a data mais memorável de toda a Humanidade.

Nem nas lendas, nem nas epopeias, nem nos arquivos documentados, se regista um dia que mereça maior consagração. É o fim da maior guerra.

Nunca houve guerra mais tremenda, nunca os campos ridentes de esperança de abundantes messes viram derramar tanto sangue, nem sacrificar tanta vítima.

Nunca se batalhou tão encarniçadamente pelo Direito e pela Justiça contra um baluarte ferozmente defendido, encerrando principios contrarios ás justas aspirações dos povos.

É com uma profundissima comoção que celebrou este dia brindando pela liberdade dos povos, pelas suas prosperidades e pelas dos seus illustres chefes.

É com o maior entusiasmo que levanto a minha taça e faça-o cumprindo o mais grato dever de um Chefe de Estado que vê raiar uma aurora de felicidades para os povos confiados á sua guia e com o vivo sentimento de portuguez que tem no coração o mais profundo e entranhado amor pela sua terra.

Nunca compreendi melhor a felicidade de ser portuguez, para bem sentir a alegria dos nossos valentes e corajosos soldados e as lagrimas das mães que nos montes e nas aldeias os esperam, e para sofrer uma dolorosa mas grata saudade por esses que deixaram com a vida os seus nomes ligados a factos de grandeza e de valentia.

Nunca senti melhor a honra de presidir aos destinos de Portugal para saudar comovidamente todas as Nações ao lado das quais caminhamos para o triunfo, estreitamente unidos á nossa velha e tradicional aliada.

É com o mais quente e vibrante entusiasmo que n'esta hora particularmente feliz bebo pela gloria dos soberanos dos paizes amigos e aliados."

No Diario do Covernno de 12 de Novembro de 1918

Saudações aos exercitos de Terra e Mar no dia da assinatura do armisticio :

"N'esta hora de grande jubilo para as Nações Aliadas saudo com fervor os Exercitos de Terra e Mar e em especial os heroicos combatentes que nos campos da Batalha da França e da Africa e em diferentes combates navaes souberam mais de uma vez levantar tão alto o nome de Portugal e emito um voto do mais profundo respeito e admiração pelos que em prol da Patria perderam a vida n'essas duras pelejas.

Sidonio Paes

Presidente da Republica

Comandante em Chefe dos Exercitos de Terra e Mar".

23 de Novembro de 1918

Discurso pronunciado pelo Presidente na recepção aos marinheiros do "Augusto de Castilho" no Palacio de Belem :

"Agradeço em nome da Nação aos bravos marujos, bem como ao heroico guarda-marinha Ferraz o terem erguido mais uma vez o nome de Portugal com um episodio digno d'aquela velha e lendaria bravura portugueza, episodio que constitui mais uma pag in

brilhante a acrescentar ao livro de ouro dos nossos feitos e á historia da nossa Marinha de Guerra.

Nem outra coisa era de esperar dos bravos e heroicos marinheiros portuguezes que sempre, atravez da historia, tornaram grande o nome de Portugal. Bravos, leaes e valentes sempre eles foram e assim continuarão a ser.

O comandante do "Augusto de Castilho" o bravo e heroico Carvalho Araujo não morreu. Não! O saudoso morto vive ainda no coração de todos os portuguezes, com uma saudade inextinguivel e uma admiração pelo seu heroismo e bravura."

27 de Novembro de 1918

Louvor publicado no Diario de Governo ás forças de terra e mar que se conservaram fieis ao governo durante a revolução bolchevista de 12 de Outubro:

"Tendo assumido o comando em chefe do exercito de terra e mar, por motivo dos acontecimentos que vieram a desenvolver-se em 12 a 15 de Outubro; hei por bem louvar, em geral, todo o exercito pela lealdade e disciplina que durante os mesmos acontecimentos soube manter e louvar em especial as forças que marcharam sobre Coimbra e Evora, pelo espirito de decisão e disciplina de que se mostraram animadas, as forças que junto do Poder Central e dos diferentes comandos, pela sua attitude serena, firme e decidida, asseguraram em primeiro logar a boa execução das ordens emanadas, e ainda as forças que fazendo parte da guarnição de Coimbra e Evora, se conservaram leais, combatendo contra os revoltosos, mostrando-se assim embuidas em alto grau, de uma forte lealdade, desc-

plina e decisão e de uma nitida compreensão do dever militar.

Bem assim louvo todas as forças militares que por motivo das tentativas de greve ultimamente evidenciadas, ocuparam as estações do Caminho de Ferro e guardaram as linhas ferreas, contribuindo pelo seu esforço eficazmente para que a ordem não chegasse a ser alterada.

Sidonio Paes

Presidente da Republica

Comandante em Chefe dos Exercitos de
Terra e Mar.»

30 de Novembro de 1918

Discurso pronunciado na Universidade de Coimbra,
em seguida á Oração de Sapiencia :

“Conservarei sempre no meu coração e gravarei na minha memoria a impressão inabalavel desta comovente festa.

Antes de despedir-me de vós quero dizer-vos em duas palavras a ideia que me suggeriu a minha visita a esta Universidade a que me prendem os laços mais estreitos de simpatia e de reconhecimento.

Aproveitai da tradição as pedras que possam servir de alicerces ás construções modernas, e firmando sobre elas. caminhai para a frente, olhos fitos no ressurgimento da nossa Patria e no progresso da Humanidade.»

30 de Novembro de 1918

Palavras de Sidonio Paes por ocasião do banquete que lhe foi oferecido pelos lentes da Universidade de Coimbra :

“Agradeço reconhecido o carinho e a ternura com que todos, quer lentes, quer alunos, me quizeram receber.

Não posso deixar de fazer aqui, n'este lugar, algumas considerações politicas visto que o problema politico continua tendo a magnitude que sempre lhe attribuí.

Tentei resolver esse problema com o movimento de 5 de Dezembro e optei pela revolução visto a evolução se apresentar morosa e tardia.

Reconheço que o problema não foi, afinal, inteiramente resolvido, embora continue a crêr que o será dentro da Republica Nova. Tem surgido dificuldades de toda a ordem.

O 5 de Dezembro foi um movimento feito por um grupo de homens alheios a partidos politicos e, por isso, eu tenho hoje a hostilidade declarada das esquerdas ao mesmo tempo que a falta do apoio das direitas.

A Republica Nova tem que crear uma corrente propria, já de resto nitidamente desenhada. Necessita de um apoio que lhe permita levar a sua obra até ao fim.

É necessario a reunião de todos os portuguezes em volta da bandeira republicana e do actual Governo.

A Republica Nova merece bem esse apoio, não só pelos seus altos fins, como até pela obra realisada. Entre essa obra está a manutenção da ordem que ha um ano se tem mantido.

Ainda ha pouco n'esta cidade um movimento se havia organizado mais grave do que poderia parecer; foi no entanto inteira e imediatamente dominado.

O mesmo tem sucedido no resto do paiz.

E, essa ordem continuará a ser mantida, custe o que custar, venham as conspirações donde vierem.

Se as direitas, cujo apoio leal até hoje ha que reconhecer, tentassem qualquer conduta revolucionaria, eu, que não tive escrupulos em me unir a elas, não os teria egualmente para as punir.

O governo actual é um governo para o povo e felizmente o povo assim o tem comprehendido; todavia não se governa só com o povo, mas tambem com as elites, e essas elites estão aqui. E' do apoio delas que necessita a situação.

No dia em que tiver o apoio das elites, cuja grande parte aqui está eu terei confiança nos destinos do paiz.

Essa elite não tem exteriorisado o seu apoio como seria para desejar.

Espero que dentro em breve esse retraimento desaparecerá.

Foi n'esta Universidade que fiz a minha educação. Foi aqui que aprendi a ser forte e a ser confiante. Espero que os lentes de hoje insuflarão á nova geração o mesmo espirito que n'estas salas recebi. Termino brindando ao Reitor da Universidade e á Universidade."

No dia 6 de Dezembro de 1918

Na cerimonia da imposição das condecorações aos officiais e marinheiros do "Augusto de Castilho":

"Nenhum acto me podia ser mais grato ao coração do que premiar os officiais e marinheiros que tão extraordinariamente se distinguiram no ultimo combate que travaram com o inimigo.

A marinha durante a guerra prestou relevantes serviços, tão valorosamente como os do exercito. Ela foi incumbida da nossa defesa contra os submarinos e tão extraordinariamente se desempenhou desse serviço que, com insignificantes recursos, em pequenos barcos, praticou verdadeiros prodigios, conseguindo com o seu denodado esforço colocar-se de uma forma evidente e brilhante á altura das outras marinhas do mundo.

Os feitos praticados pela marinha foram muitos e grandes, facto que enche de prazer a minha alma de patriota.

O feito da tripulação do "Augusto de Castilho" marca não só uma pagina brilhante da marinha portugueza, como uma pagina de ouro da Historia de Portugal.

Comoveu-me a descripção desse acto de bravura e estou convencido que comoveu todos os portuguezes.

Presto homenagem saudosa de respeito aos que morreram combatendo pela Patria.

O Comandante Araujo que morreu a comandar o seu pequeno navio, combatendo até final para salvar de morte certa centenas de tripulantes e passageiros do vapor "São Miguel" cometeu o maior acto de heroismo que marca na historia do mundo as grandes raças.

Tenho pena de não poder abraçar neste momento esse heroi, a quem apenas posso prestar culto.

Mas não foi só esses feito que se praticou. Todos os officiais, sargentos e marinheiros se portaram bravamente; alguns houve que se distinguiram com a sua valentia e persistencia vencendo todas as dificuldades para salvar a tripulação sobrevivente, luctando durante seis dias e seis noites.

A bravura, o tino, a força de vontade, soube guiá-los ao seu destino, luctando com a fome, com a sêde, com todas as torturas, com a crueldade de um inimigo que não soube dar justiça á bravura do adversario.

Neste momento festivo relembro o facto que se passou á um ano, que se deu por um equívoco. Hoje existe a mais cordial e completa união entre o exercito e a marinha que constituem uma emanação do povo portuguez e se abraçam num abraço fraternal para defender a Patria e o progresso da Humanidade."

Discurso pronunciado no aniversario da revolução na Camara Municipal de Lisboa:

"É com extraordinario prazer que me apresento na casa do povo de Lisboa, agradecendo penhorado os cumprimentos apresentados no nome desse povo pelo Sr. Presidente da Camara Municipal.

Falando ao povo de Lisboa, tenho a certeza de que falo ao povo de todo o paiz, pelo qual me sacrifiquei ao fazer a Revolução de 5 de Dezembro. Os homens que entraram para essa revolução não tiveram outro fim que não fosse o de defenderem ideais nobres e levantados que trouxessem o progresso da Patria.

A crise extraordinaria que se tem atravessado, em consequencia da guerra da qual felizmente saíram victoriosas as nações aliadas, das duas epidemias que tanta intensidade tiveram no paiz, e das continuas tentativas de perturbação da ordem publica, todas elas felizmente sufocadas immediatamente, ainda não está de todo resolvida.

Todas as tentativas revolucionarias falham sempre, pois o povo está ao lado da Republica Nova, o que equivalerá a dizer ao lado da Patria, pela qual todos se devem sacrificar.

Um dos fins que a Republica Nova conseguiu foi acabar com os processos que eram adoptados na Repu-

blica Velha. Ninguém com verdade pode asseverar que na administração publica não se tenha usado de uma honradez imaculada.

Era ignobil a campanha que, não só no paiz, mas até fora dele, se fazia contra a Republica Nova, dizendo que os homens que por ela se bateram, não eram a favor da causa dos aliados, classificando-os assim de traidores á Patria.

Desde as primeiras horas de governo apoz a Revolução de 5 de Dezembro fiz tudo quanto era possivel em prol da causa dos aliados.

Nem um unico momento passou sem que procurasse estreitar cada vez mais os laços da aliança que prendem Portugal á Inglaterra.

A causa que se defendia era comum, como comum era o inimigo que se combatia. Mas tal campanha de descredito não sortiu o efeito desejado visto que a verdade tudo sobrelevou.

E' inutil querer convencer os políticos de que devem pôr acima dos partidos os interesses da Patria; pois para eles só ha unica e exclusivamente os seus partidos.

Para eles o exercito, a marinha, a guarda republicana, a policia, o comercio, a industria, o povo não são nada; para eles só ha os partidos a que pertencem.

Tem de fazer-se a Nova Constituição e é necessario ter em atenção que ela seja viavel e que no paiz tenha forças que a mantenha, isto para que haja o socego de que tanto se necessita para se poder trabalhar.

O Povo Portuguez, está ao lado da actual situação, portanto é porque ela tem governado a seu contento."

Extracto de uma carta de Sidonio Paes em 18 de Outubro de 1914 enviada de Berlim ao Ministerio dos

Negócios Estrangeiros, denotando-se nela o verdadeiro patriota, a sua alma de portuguez convicto :

«Julgo que, se Portugal entrar na guerra, será necessario que o faça dispondo-se, desde o principio, a maximos sacrificios e não apenas para um pequeno auxilio. A propaganda a fazer parece-me dever ser esta : entremos; devemos vencer. O inimigo é fortissimo e está disposto a sacrificar o ultimo homem e a ultima libra. Foi esta campanha que aqui se fez e calou profundamente em todas as classes sem excepção. Não se deve partir do principio, inteiramente falso, de que o inimigo é facil de vencer.

A minha observação diz exactamente o contrario. Creio mesmo que os paizes beligerantes contra a Alemanha alguns erros já praticaram devido a essa erronea convicção. Pela minha parte, pessoalmente, logo que tenha de sair daqui ponho-me inteiramente á disposição do Governo Portuguez para o ponto mais ariscado em que me quizer honrar e onde de alma e coração procurarei servir o paiz como tenho feito até aqui. Aconselharei dois filhos, em idade de se alistarem, a fazê-lo e aos novos direi que prestem ao paiz o serviço que possam prestar.

Caso Portugal entre na guerra, espero que V. Ex.^a mandará a tempo ordem para pedir o meu passaporte antes que o governo alemão me mande embora, o que julgo deprimente para o nosso paiz».

Palavras ditas pelo Presidente Sidonios Paes a um redactor do jornal «O Seculo», edição da noite, no dia da assinatura do armistício :

«Nesta hora solemne um grande pensamento deve

preocupar-nos: honrarmos a memoria daqueles que verteram o seu sangue pela Patria e pela Humanidade, norteando francamente a nossa conducta pelos altos ideais porque eles se bateram.”

Quando Sidonio Paes estava na varanda do Palacio de Belem falando ao povo no dia do armisticio, alguem levantou Vivas á Russia e a Lenine. Sidonio meteu-se no automovel e passando junto do grupo que tinha soltado os vivas, voltando-se para ele disse:

“Que vivas foram aqueles?!... Miseraveis... que perdem Portugal!, canalhas que não sabeis o que di-zeis!, traidores á Patria que vos deu o ser!”

Palavras de Sidonio Paes no dia 6 de Dezembro apoz a primeira tentativa de assassinio:

“Peço-vos serenidade. Toda a serenidade. Haja o que houver. Ainda que me matem. Tenho servido com a maior dedicação o paiz. *Se me matarem alguma coisa ficará já como fruto glorioso dos principios por que se fez a Revolução de Dezembro.*”

Ainda no mesmo dia e na Camara Municipal. Apoz o discurso do Snr. Adães Bermudes diz, dirigindo-se ao povo:

"Povo! ide tranquilo e socegado para vossas casas pois a ordem será sempre mantida, os movimentos revolucionarios sufocados e, ainda que eu fosse vitima de um assassino, a Republica Nova ficaria com os principios estabelecidos pela Revolução de 5 de Dezembro".

No Parque Eduardo VII o Povo, aquele Povo que sempre o acompanhou invadiu o recinto, victoriando o seu idolo. Sidonio fez menção de que ia falar e disse:

"O Povo tomou o Parque ; o Parque está bem entregue!"

Denota esta simples frase o espirito de Sidonio, dominador e conhecedor das multidões, sabendo que elas se orgulham da sua força.

De um autografo de Sidonio Paes para o jornal "A Situação":

"A Republica Nova, guiada pela Revolução de 5 de Dezembro de 1917, encarna a suprema aspiração da consciencia nacional, firma as suas raizes profundas na alma popular.

Defensora do Povo, é defendida por Ele, e como Ele invencivel. 5/12/1918."

Acabaremos com 3 frases ditas por Sidonio Paes e que definem bem a sua missão de iluminado, con-

trariado por todos os politicos que não tinham ainda atingido a verdade da ditadura nacional.

Cansado e farto de sofrimento disse num conselho de ministros quando lhe aconselhavam prudencia para evitar o assassinato :

"Ninguem deseja mais a minha morte do que eu!..."

E como um amigo lhe repetisse pouco depois a sua frase e ouvindo-lhe o louvor da luta improduttiva e cruel que sofria lhe dissesse :

"Mas porque lutou então por Portugal?"

Sidonio Paes respondeu-lhe :

"Eu não vivo no Portugal de hoje, vivo no Portugal de ontem, para o Portugal de amanhã."

Pouco tempo depois, quando no Rocio caía ás mãos infames de um sicario repetiu ainda o mesmo grito de salvação :

"Morro... bem... Salvem a Patria!..."

E foram as ultimas palavras do Ditador Martir.

*Acabou de se imprimir este livro na Ti-
pografia Lusitania da Rua do Seculo,
50, em Lisboa, aos 17 de Janeiro de 1924*

BIBLIOTECA DE ACÇÃO NACIONALISTA

- I — **Revolução Nacionalista**, por *João de Castro*.
II — **Um Ano de Ditadura**, discursos e alocações de *Sidonio Paes*.

A SAÍR

- III — **O Rei e o Povo**, paginas politicas de *Oliveira Martins*.
IV — **A Ditadura no Liberalismo**, discursos e alocações de *João Franco*.
V — **A Ditadura Revolucionaria**, paginas politicas de *Bazilio Telles*.
VI — **Organisação Social**, por *João de Castro*.
VII — **Organisação Municipal**, por *Henrique Osorio de Castro*.
VIII — **O Plano de Fomento do Nacionalismo**.

OBRAS DE CRITICA SOCIAL

- **Ditadura Nacional**, por *João de Castro* — A sair do prelo.
— **A Monarquia Social**, por *Rolão Preto*. — A entrar no prelo.
— **A Educação e a Nacionalidade**, por *Artur de Oliveira Ramos* — Em preparação.
— **Leis e Decretos**, de *Oliveira Martins*, compilados, anotados e prefaciados por *José Osorio de Oliveira*. — Em preparação.